

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
— VISADO PELA CENSURA —
— AVENÇA —

Vida e Morte de um Homem Bom de Guimarães

DUAS LINHAS Dr. Eduardo de Almeida

Pelo Dr. NUNO SIMÕES

Não era dos amigos mais antigos de Eduardo de Almeida, embora fosse, ai de mim, dos mais velhos. Apesar de nascido em terras vizinhas, ele em Guimarães e eu em Famalicão e apesar de haver-mos frequentado, em épocas diversas, é certo, o mesmo seminário-liceu, só tarde e quase no fim da primeira república nos conhecemos pessoalmente. Nos conhecemos e passamos a estimar-nos, embora já antes e com apreço, andássemos nas conversas de amigos comuns. E vários foram eles, com Mannel Monteiro à frente.

Eduardo de Almeida pertenceu a uma geração académica que deixara, há muito Coimbra, quando eu para lá fui. Era já jornalista, político, caudilho, homem de letras e parlamentar de nomeada, ao chegar eu à Universidade.

Só alguns anos depois do meu ingresso na vida pública, nos encontramos. Ao tempo fixara-se ele em Guimarães onde passou a exercer as suas actividades intelectuais e profissionais, várias e brilhantes, há que dizê-lo, com justiça. Advogado, jornalista, escritor, conferencista, orador, a sua acção intelectual plurifacetada deu-lhe na sua terra natal, a que ele tanto bem queria, uma posição de justo relevo que tinha, também, — não é exagero afirmá-lo — no país.

Foi, porém, ao querido mestre que o foi de ambos: José de Pina que deviu a mais íntima aproximação com Eduardo de Almeida.

Na homenagem que os antigos alunos de José de Pina, vai para 16 anos, lhe prestaram, tive a honra de o saudar em nome de todos.

No banquete que lhe oferecemos, depois, Eduardo de Almeida foi um dos oradores. E que eloquente foi o perfil que ele traçou do Mestre e que retrato magnífico de corpo inteiro coube no seu discurso! Grande foi o prazer com que ouvi e aplaudi o orador admirável e o escritor cultíssimo que andaram a par.

Depois do almoço, pela tarde, em companhia de alguns amigos, vagueamos pelos velhos recantos de Guimarães, numa doce evocação de tempos idos.

Fácil me foi verificar que, no seu exílio, Eduardo de Almeida não sacrificara nada da sua nobre personalidade intelectual.

Continuara a ler, a escrever, a estudar, a conviver.

Por várias vezes, depois, em correspondência que as nossas caligrafias difíceis espaçaram e nos encontramos em Guimarães, quando lá ia acompanhar amigos brasileiros, Eduardo de Almeida, cuja saúde eu sentia ir-se abalando, confirmava essa minha convicção.

E especialmente verifiquei que ele se deixara ultimamente seduzir pela originalidade, pela frescura, pela graça da terra que afloravam à nova literatura brasileira com um fervor e ímpeto *geyser*.

O enlevo com que, nesses encontros, ficávamos a ouvi-lo dissertar sobre romancistas e poetas brasileiros que ele lia sempre e de que, com entusiasmo cada vez maior, citava e nos reproduzia períodos ou versos.

Assim no berço da Comunidade luso-brasileira se criara um mestre de luso-brasilismo literário, cuja curiosidade de leitura era infatigável e insaciável.

Já no discurso de 42, com que

Há muito que sabia que o seu estado de saúde inspirava cuidados. Em Setembro, do ano findo, recebi a sua última carta, que fora mais um acto da sua penhorante gentileza.

Nela me falava... «em tantas horas de angustiada desalento em que se vai fenecendo a minha vida inteiramente perdida...»

«Avaliava, assim, claramente, a extensão do seu mal físico.

Não voltei a ter notícias suas.

Pelo Dr. CARLOS SARAIVA

Isto levou-me, um dia, a propor em sessão camarária, a ideia do Município subsidiar a publicação desse canseroso e útil trabalho que, sob o título *Peregrinação pelo Termo de Guimarães*, vinha sendo publicado neste Semanário.

Infezivelmente, esse esgotante estudo, de tanta utilidade para o conhecimento da história do Concelho, fica no 1.º volume.

E com profunda mágoa me confesso mais tarde, não ter a esperança de concluí-lo, por lhe faltar o ânimo e a saúde.

Também Alfredo Pimenta — seu

Continua na 7.ª página.



Eduardo de Almeida — O seu último retrato

saudara José de Pina, Eduardo de Almeida revelara esse pendor de espírito para o remocamento fulgurante que na literatura brasileira se estava fazendo da língua comum.

E, há meia dúzia de anos, nas Pedras Salgadas, na companhia de Antonino Dias de Castro, que tarde magnífica passamos a folhear Eduardo de Almeida e a sua volumosa e selecta leitura de autores brasileiros contemporâneos!

Pena que não lhe houvesse permitido a saúde precária aproveitar em estudos e ensaios a riqueza que a sua cultura literária brasileira

Continua na 7.ª página

Na manhã de segunda-feira, dia de Reis, sou dolorosamente surpreendido com a sua morte:

Faleceu o Dr. Eduardo de Almeida!

Esta notícia, profundamente me entristeceu e abalou. Perdera o Amigo querido e o Mestre, a quem tantos estímulos e palavras consoladoras fiquei a dever!

O conceito em que o tinha derivava da capacidade dos méritos que nele reconhecia existirem.

Aliciante no trato e no convívio social, o Dr. Eduardo de Almeida foi uma grande e nobre figura da nossa terra.

Era complexa e delicada a sua personalidade mental e psíquica. Demasiado complexa até, para a pequenez do meio.

Esta circunstância, se limitou os seus voos, tornou a sua pessoa mais presa e mais ligada aos assuntos de Guimarães, a terra que o viu nascer e na qual se impôs como cidadão de carácter íntegro, bondoso e tolerante e como advogado inteligente e sabedor. Ao exercício dessa nobilíssima profissão, emprestou toda a sua dignidade e talento.

A sua carreira profissional ficou esmaltada pelo brilho da sua pena e pelo fulgor da sua palavra, fluente e fácil. Era, na verdade, um orador cheio de recursos.

Como intelectual, poderosamente se afirmou, a ponto de deixar um nome e uma obra.

Este aspecto saliente da sua personalidade, foi sempre o que mais intensamente me impressionou, de tal modo criou beleza, naquela linguagem própria e inconfundível que lhe conhecemos e que, nem sempre límpida e transparente, tinha, contudo, a rara formosura dos recantos de arte, a quem a névoa esfumada e desigualmente distribuída, mais salienta certas formas e pormenores...

UM HOMEM BOM de Guimarães

Pelo P.º Carlos Simões

Guimarães sente-se de luto. Desapareceu, na voragem do tempo, que tudo gasta e consome, um dos seus filhos mais queridos: — uma cabeça e um coração.

Investigador profundo e apaixonado, novelista original, orador sugestivo, fluente, fácil, aprazível e deleitoso, enamorado por tudo que tocasse à sua terra, quer da actualidade, quer do passado. Rebuscador minucioso e honesto, não houve nada a que não se dedicasse com ansia e paixão e não levasse a bom termo.

Tudo isto é muito para um homem só, que precisa de dedicar-se à sua profissão, para ganhar laboriosamente o pão de cada dia, para si e para a família e que vivia apenas do seu trabalho, e ainda arranjar tempo para os trabalhos literários, profundos e difíceis.

Mas há mais uma faceta da sua vida que não podemos deixar escondida, pois é por ela que mediremos esse homem que foi a enterrar humildemente, quase envergonhado, na manhã nevoenta e fria, pingando humidade, de 3.ª-feira, 7 de Janeiro.

Era a sua bondade. Só quem o conheceu de perto podia avaliar e conhecer a delicadeza da sua alma diante da miséria do pobre. Se estivesse na sua mão, não haveria pobres senão um. Ele próprio. Depois a sua tolerância. A todos recebia com simpatia e carinho, quer fossem os seus amigos e tivessem o mesmo pensar e crer, quer fossem contrários ao seu ideal e pensamento.

Recordo o entusiasmo com que apadrinhou a ideia de perpetuar-se a memória do saudoso P.º Roriz, quando as pessoas, que o foram convidar para tomar a direcção dos trabalhos da colectânea dos seus escritos, lhe mostraram a ideia. Apesar da sua saúde já abalada, meteu mãos à obra e foi até onde lhe foi possível ir.

Teve defeitos? Quem os não tem. Mas derivados da época em que viveu, do meio atribulário onde a força das circunstâncias o colocaram, do desamparo de quem poderia moderá-lo nas crises intelectuais e morais da sua juventude fogosa. Cheio de talento, com as aspirações impetuosas da sua juventude, criado na época revolucionária da primeira metade do século XIX, em que pontificavam os filósofos revolucionários da França e as suas doutrinas eram devoradas pela mocidade de então, era difícil poder isolar-se da corrente predominante. O tempo, porém, limou muitas arestas e o bom senso corrigiu muitos excessos.

Político, nunca se serviu da política para subir, nem nunca aproveitou a sua ascendência para oprimir quem quer que fosse. Nunca perseguiu. Nunca enriqueceu. Os últimos anelos da sua vida, a doença e o isolamento não foram propícios a poderem ser manifestados e conhecidos.

Uma crise de coração fechou para sempre aquela boca. Morreu um homem estruturalmente bom. Deus, justo e bom, o julgará com a benevolência santa de quem o criou.

Na Assembleia Nacional o sr. Eng. Duarte do Amaral, Deputado da Nação, evocou a figura do dr. Eduardo de Almeida, falecido em Guimarães, declarando:

Advogado e jornalista, distinto homem do foro e escritor de raro mérito, foi deputado às Constituintes de 1911, presidente da Câmara Municipal e da Associação Comercial de Guimarães e da Sociedade Martins Sarmento. Os seus amigos e a terra onde nasceu sentem, profundamente, a triste notícia da sua morte. As suas atitudes, através de uma vida longa e passada grande parte em época tormentosa, foram sempre ditadas por uma inteligência clara, aquecidas por um coração generoso, tomadas, enfim, com grande elegância de espírito. Intensa devoção a Guimarães e à nossa Pátria nortearam o seu trabalho e, ao perder-se este erudito historiador — da estirpe de Alberto Sampaio e de Martins Sarmento — perdeu-se ainda brilhante prosador e tribuno — um cultor notável da língua portuguesa.

O momento em que os pecados dos homens são submetidos ao mais alto juízo é o mais apropriado também para se falar das suas virtudes. Por isso sublinhei algumas das que brilharam no dr. Eduardo de Almeida. Mas foram muitas mais as que esqueci.

A lâmpada que trago...

— ao túmulo do Dr. Eduardo de Almeida.

*Não se perturbe a forma do silêncio, nem se ajeite, convulso e desgarrado, o vulto da Saudade.
— Deixem ir ao encontro do repouso uma eterna ansiedade!...*

E a divina saudade duma origem encontrará de vez a essência duma vida de tormento, segredos de modéstia, a Bondade tranquila, santidade, talvez!

*Calou-se a voz aberta em sulcos de oiro, tanta vez a lembrar quilate bom.
— Mas os mortos não morrem, nem se calam, quando ficam ao pé do coração.*

A névoa emaciada, que nos olhos põe a linha indecisa à imagem liquefeita; a gota que desliza duma lágrima feita do sangue que em amor e dor se altere, é um mistério da vida, da vida igual à morte, tão igual como um feixe que irradia da luz que se transfere...

— Apenas menos luz, quando é de dia e mais luz, quando a noite a envolve e fere...

*Ferida pela sombra, toda a luz se torna mais brilhante, no mundo que a rodeia.
— Sombra que se desfaça na plenitude imensa da alma cheia dos motivos da Graça!*

*Na peregrinação ao túmulo dos santos é costume acender lâmpadas vivas.
— São as chamas votivas duma crença imortal!*

*A chama, quase em tudo muito igual ao nosso coração, sustenta-se dum óleo em que se nutre, duma unção de Infinito,
— eterna nutrição!*

*A lâmpada que trago também arde na luz amiga e crente.
— Sinto o vulto de Deus, que desce à Sarça Ardente, como o fez uma vez, no Testamento Antigo...*

— A consumir na chama os sarmentos da paz atormentada, as virtudes dum grande coração, Alguém que fez da Vida a enamorada canseira da Altitude!

— E a sustentar na mão a alma dum Amigo!

Casa da Renda, 7-1-1958.

J. M. PINTO DE ALMEIDA.

Por um IN-MEMORIAM de Eduardo de Almeida

A Sociedade Martins Sarmento está de luto: baixou à terra um dos nossos mais queridos e prestigiosos consócios.

Guimarães está de luto: perdeu um dos seus mais notáveis e talentosos filhos e um dos mais preclaros historiadores da nossa terra.

Faleceu o dr. **Eduardo de Almeida**. Neme prestigioso e bem conhecido nas Letras portuguesas, prosador de Arte, erudito esclarecido e sóbrio investigador, deixa uma Obra que há-de perdurar, porque teve a animá-la um sopro de elevação (spiritual) de amor e de bondade, de aspirações nobres e de anseios por um mundo melhor e mais perfeito!

A Sociedade Martins Sarmento, que ele serviu abnegadamente, apaixonada e desinteressadamente, desde os tempos de estudante em Coimbra até à sua morte, durante 54 longos anos, que tantos foram os que contou de sócio efectivo da nossa Instituição, elevado à categoria de sócio honorário em 1926,

ficou devendo a Eduardo de Almeida inapreciáveis e relevantes serviços, que não cabe, nem seria possível ou recomendável, memorar nas escassas e breves linhas de um jornal.

A dívida que esta Instituição contraiu para com o Homem superiormente culto, que durante muitos anos foi seu prestigioso presidente e a conduziu, do marasmo em que jazia, a mais brilhantes destinos — deve pagar-se condignamente um dia, que não virá longe, em homenagem que oportunamente se promoverá.

Hoje nos limitamos, recolhidamente, a manifestar a nossa profunda e sincera mágoa pela irreparável perda do amigo lealíssimo, do enterrâneo ilustre e do benemérito consócio.

Paz à sua alma.

Pela Direcção da Sociedade Martins Sarmento,
MÁRIO CARDOSO.

O NOSSO JORNAL entra em Novo Ano de existência

Mais um ano se completou na vida deste jornal e foi-o, como aqueles que o antecederam, de persistente esforço na defesa dos nossos ideais e do progresso da Terra a que desde a hora primeira nos devotamos de alma e coração.

Em ligeira análise a tudo aquilo que representou a nossa actividade desde o ano passado até agora, verificamos consoladoramente que nenhum dos problemas que mais possam ter interessado aos Vimaraneses, por corresponderem aos seus mais legítimos anseios, deixou de ter o nosso apoio e colaboração, e isso corresponde a dizer que *Notícias de Guimarães* esteve vigilante aos factos e aos problemas que constituem as mais prementes necessidades concelhias, assim como áqueloutros que interessam ao prestigio e ao progresso da Nação.

E assim não deixaremos de manifestar o quanto nos alegra o ver-nos chegados ao fim de mais um ano de trabalho, obtendo a certeza do dever cumprido e este, ante tantas manifestações de simpatia e solidariedade, por parte dos nossos colaboradores, dos nossos leitores, de todos os amigos afinal, que muito nos encorajam para prosseguir no novo ano que agora se enceta.

Aqui queremos deixar expresso o nosso vivo reconhecimento a todos e, a par disso, uma palavra também de profunda Saudade para Aqueles Amigos que a Morte nos levou e cuja memória nos é tão querida, o último dos quais ainda há poucos dias baixara à sepultura, deixando nesta Casa um enorme vácuo.

Morreu?! Não morrerá.

Guimarães é de luto, o luto mais pesado.

De joelhos, ó Povo! E, assim, ajoelhado, Ergue as mãos por Alguém que ultrapassou alguém... Deixa a Terra chorar. Que chore a nossa Mãe O seu filho adorado e nosso grande irmão.

A cova engole a Arte, o Génio, a Erudição.

A' grei deu Ele a luz do cérebro fecundo: O burgo pequenino iluminou num mundo. Morreu?! Não morrerá: A sua Alma conosco, eterna, ela será.

Janeiro de 1958.

DELFIN DE GUIMARÃES.

Morreu o Dr. Eduardo de Almeida

Olho para dentro de mim. Vislumo uma paisagem triste. Um cemitério de cruzes e ciprestes. Tantos, tantos, que lá vão, a esconder-se na cova!

Agora foi o Dr. Eduardo de Almeida. Esse espírito gentil de fulgurante talento e coração de ouro, lá foi a enterrar!

Deixou-nos pena! A todos quantos o conheceram no trato pessoal, causou funda pena a sua morte.

Ele, o Dr. Eduardo de Almeida, irradiava simpatia. Por indole natural, era simples e bom. Jamais foi mordido pela tarântula da vaidade. A ambição, a inveja, não habitaram nele.

Comprazia-se em corresponder às solicitações dos amigos, para tudo quanto dependesse da sua inteligência e do seu prestigio.

Agora que ele não é deste mundo, obedeço gratamente ao pendor do meu espírito, destacando, exaltando, o bom contrerâneo.

Por seus méritos e serviços merece admiração, preito de justiça, destaque amoroso.

Foi nos seus tempos moços de Coimbra que Eduardo de Almeida abriu as suas asas, logo se entregando, de braço dado com os mais intrépidos camaradas, às lutas do pensamento contemporâneo. Seguindo na ala-nova, avançada, tomou rumo direito à Democracia, ajudando, com o ardor da sua juventude, à aproximação do advento da República.

Trocando a sua capa de estudante pela toga de advogado, seu pai figura prestigiosa do Franquismo triunfante — quisera ver seu filho, Doutor de Leis, tomar posição ao lado dos corifeus da Monarquia.

Eduardo de Almeida, porém, na coerência dos seus princípios, não lhe pôde fazer a vontade. Sua dignidade intelectual, inclinándolo para um idealismo heróico, de doutrina, levou-o a seguir rumo diverso — aquele rumo que tantos românticos políticos seguiram, intemeratamente, por amor a um destino de resgate nacional.

Deste facto proviera a sua ida para Lisboa, em regime de cura

de ares, exílio que a nostalgia da terra tornou breve.

Proclamada que foi a República, todos nós, seus irmãos em credo político, víramos em Eduardo de Almeida — o Eleito. Nele antevíamos todas as qualidades de inteligência, de dignidade, de prestigio, de coração, para tomar a chefatura do nosso modesto núcleo partidário.

Sòmente, Eduardo de Almeida, por seu temperamento e modestia, não era um aglutinador de gentes. Segurou mal em suas leis mais a vara de chefe, tão lavado era de alma e de ambições.

Foi o primeiro Administrador do Conselho da República, em Guimarães. E se eu quiser destacar aqui uma pedra branca da sua actuação como autoridade, rememorarei aquela hora agitada dos despejos congreganistas.

Nela, nessa hora conturbada, encontramos uma personalidade íntegra, moralmente perfeita, conciliando os seus deveres de autoridade com os designios do seu coração e do seu carácter, tal a maneira serena, tolerante, generosa, compassiva, como precedeu nessa emergência delicada.

Era assim, superiormente, como servia o regime, sem trocências, sem atropelos. E sem abdicção política.

Chamado às Constituintes, foi nessa assembleia orgânica da República um elemento sadio, prestigioso. De tal maneira, serena e culta, se revelara, que não tardou a ser atraído para o desempenho de um consórcio forense, prestigioso, tais as qualidades que o exornavam. Recusando esta distinção, preferiu assentar banca na sua terra, entregando-se às contingências de uma limitação provincial.

A sua estreia no Tribunal da Comarca, é ainda uma grande prova das magnánimas virtudes do seu carácter. Na defesa da sua constituinte, a *Tiça*, Eduardo de Almeida, foi mais que um advogado, — um homem bom.

Essa defesa, que é narrada em um dos seus livros — *Discursos* —

Responso lírico para a alma de Eduardo de Almeida

Plangem as almas a ladainha que diz que a morte é uma palavra triste...

E a douda veio agora colher no enleio gélido da sua foice insaciável o nosso amado Eduardo de Almeida.

Foi um homem muito nosso, coração de labaredas altas onde se afevorou um ideal e se radicou o cultivo da arte pura.

Nesta jornada do Sentimento em que andamos como infantes da Ilusão, combatendo e sonhando, vão-se erguendo cruces todos os dias, pelos companheiros que tombam, — uns coroados de rosas, como os heróis, outros amargurados de espinhos, como os mártires.

E nós vêmo-los cair, aos queridos companheiros nossos, descerar desta falange das Letras e das Artes, uns após outros, e fica-nos o coração transido pelo seu destino inglório de servir o Espírito num povo onde se sabe que morreram de fome ou sofreram privações todos aqueles que tiveram esse fado...

E, todavia, persistimos e persiste-se em servir o Espírito.

Igualmente o serviu, com nobreza e com brilho, o homem egrégio

constitue um título de glória para o nosso saudoso Amigo, não apenas pela técnica do Direito ali patenteada, mas ainda pelo sentido humaníssimo que ilustrou esse acto processual — sem paga de honorários.

Deixemos, porém, o foro onde o profissional se revelou sempre superior e estranho à chicana e à indignidade, para vermos Eduardo de Almeida ao serviço das Letras.

Não nos deixou, é certo, um largo registo de obras, mas algumas deixou que são de consulta proveitosa, como sejam: *Romagem dos Séculos e Peregrinação pelo Termo de Guimarães*.

Para os livros, para o jornalismo, para os devaneios literários, viveu o lúcido espírito de Eduardo



O Dr. Eduardo d'Almeida, falando na Sociedade M. Sarmiento, em 29 de Dezembro de 1955, sobre o Abade de Tagilde

de Almeida, — inclinação selecta e apaixonada que havia de fazer dele um dos mais beneméritos guias da *Sociedade Martins Sarmiento*.

A *«Revista de Guimarães»* — prestigiosa publicação do Instituto vimaranense — encerra nas suas páginas estudos substanciais da nossa história local, tantos deles do labor mental de Eduardo de Almeida.

Foi a todos os títulos, o querido contrerâneo, um idealista. Não correu atrás da fortuna, nem da glória. Quando tantos audaciosos atravessam a vida em acrobacias de toda a ordem — mentindo, falseando, trapaceando — ele, o bondoso vimaranense, não se incorporava com a choldra, deixando passar o enchurru.

Na sua fase última, Eduardo de Almeida era uma espécie de «vendido da vida». Amargurado e filosofante, deixara-se levar numa corrente suicida — té que, tombou na morte.

A boémia do seu espírito, envolveu-o num sudário de saudade — aquela saudade que no-lo recordam, envolto na sua capa de estudante, de perfil suave e sereno.

Então, também eu era jovem, e comprazia-me em ouvir dissertar, em orações magistrais, numa eloquência perfeita, de puro recorte literário.

Morreu Eduardo de Almeida. Mais um epitáfio melancólico que se abre no cemitério da Atouguia!

A. L. DE CARVALHO.

que acaba de tombar, Eduardo de Almeida, que foi um literato de rara estirpe.

Prosador insigne, à nossa língua, que é flor do Lácio, como diria o Poeta, ele dava voluptuosas ressonâncias, vestindo-a de luxuosas roupagens áticas. Foi um artista. Tinha carácter a sua prosa, entrecida em brumas e mistérios, resumando amarguras recônditas em rezas de soliloquios, à luz crepuscular.

E na arte, e na escrita inconfundível de Eduardo de Almeida se presentia o cruor desse crepúsculo — asas cansadas na trajectória do seu vôo, sombras caindo em melancolias de penumbras, passos de espectros lívidos caminhando ao longo de áreas desertas...

Sem dúvida, é uma grande figura literária de Guimarães que desaparece.

Ai de nós, vão sendo cada vez mais sombrios os dias, em que não se vêem erguer radiosas mocidades, arrojadas e livres, dadas ao cultivo da Beleza, e que possam tomar o facho dos combatentes que tombam!

Temos a fé de que este eclipse tão lúgubre deverá passar, em que está morrendo a flor do Ideal. Com delicada elegância cultivou Eduardo de Almeida essa flor de inefáveis fragâncias.

Vivendo em ascético recolhimento, entre sofrimentos que eram fruto dos anos, alimentava ainda no coração o anseio de formosas esperanças e querer. Fora político no tempo em que era nobre — servindo uma bandeira que arvorou e acarinhou até à hora da morte: a bandeira da Democracia. Há épocas em que realmente vale a pena praticar a política, que só pode ser engrandecida em clima de Liberdade. Eduardo de Almeida foi fiel a esse clima e a essa política. Não traiu o seu credo — antes o afirmou sempre, dignamente, o que nos serve de orgulho e de exemplo: foi uma velhice que se não poluiu, que não tergiversou, que soube dar sempre um calor alto à sua fé.

Isto é grande. E é grande sobretudo numa hora torva e turva, em que as consciências mercenárias têm medo de invocar a Democracia para a sua conduta cívica.

Serve-nos de alento o exemplo deste amado ilustre que agora foi a dormir o seu derradeiro sono no cemitério da Atouguia, e em campa rasa, — que assim o quis em franciscana humildade, que é símbolo e revelação das almas grandes.

Varão de elevados merecimentos, com humildade se apagava, longe das turvas e das multidões, simples como um pastor de quimeras, austero como um filósofo — que assim o vimos muitas vezes e sempre, melancólico, silencioso, com seu rictus de amargura e de descrença, com a estática postura de quem já nada espera — mas ainda confia...

Era assim — assim devia ser, com certeza, Eduardo de Almeida.

Digno par de grandes espíritos, com os quais privara e convivera — tinha um exacto conhecimento dos homens, sabia analisar as suas virtudes e os seus defeitos, e sabia igualmente estudar as atitudes deles, mesmo as que mais estouvadas parecessem, delas coando o que era boa-fé, entusiasmo, ideal ou desinteresse. Sei, por experiência própria, que Eduardo de Almeida sabia conhecer o idealismo dos homens — e o quanto por vezes eles podem ser vítimas desse idealismo.

Amigo do seu amigo, aos amigos aparecia sempre na hora angustiosa ou dramática — com o seu sábio conselho, com o seu coração aberto e boníssimo.

Tados nós perdemos um amigo muito querido e afeiçãoado — e perdeu Guimarães um grande espírito.

Com razão se diz que a morte é uma palavra triste. Ela nos levou mais um dos nossos, Eduardo de Almeida, e que era um varão justo e nobre. E tão nobre e tão justo — que para o seu transe derradeiro quis que tudo fosse humilde e simples, sem ostentações nem vãs glórias, — silenciosamente marchando para a última morada aos ombros de homens simples e apagados, mas com almas talvez onde florescem anseios róseos de justiça, onde desabrocham esperanças de estrelas que não de vir...

Nobre exemplo foi esse do camarada que tomba! Para a sua campa rasa não lhe levaremos flores nem lágrimas — que talvez pudessem magoar o seu querer humilde e férreo. Levá-lhe-emos, isso sim, em estrofes de bronze e de bigornas, a certeza de que continuaremos o seu sonho, de que alimentaremos a sua fé, e que ele abraçou até à hora da morte, sonhando, sonhando, sonhando — embora essa visão lhe dissesse que estava ainda muito longe a Terra Prometida!

Janeiro de 1958.

A. GARIBÁLDI.



Dr. Eduardo de Almeida Acto de formatura

DR. EDUARDO DE ALMEIDA

Quando eu e outros éramos rapazes do Liceu, aqui e em Braga, já o Dr. Eduardo andava em Coimbra no seu Curso de Direito juntamente com outras figuras vimaranenses cujo brilhante grupo se extinguiu agora.

Os Doutores Eduardo de Almeida, Alfredo Pimenta, António Amaral, António Portas e outros constituíam a falange renovadora, irreverente, iconoclasta, de melancolias românticas, agressivos bigodes, rebrilhantes monóculos e os flutuantes laços das gravatas libertárias, que, com outros moços que frequentavam os Cursos Superiores do Porto e Lisboa, davam a nota do espírito liberal e avançado que caracterizou a época, que parece ter-se esvaído, do Século passado e se prolongou pelo primeiro quartel do que vai correndo.

Nós, os rapazes de então, olháva-mo-los como entes superiores, que o eram, e procurávamos acertar os nossos passos pelas pegadas deslumbrantes que marcavam a sua rota na vida social que ia despontando nos novos horizontes.

Copiando os gestos, os actos destes, que punham acima de tudo, não olhando a conveniências nem a sacrifícios, o seu belo ideal.

Assim imprimiram a sua dedada espiritual na nossa nascente personalidade, que depois se expandiu e completou pelos acontecimentos de que eles foram como que os percursores nesta nossa terra.

Desenrolar, sob esse aspecto, o que foi a vida do Dr. Eduardo de Almeida nem me compete, nem mesmo tenho presente os seus fastos pois vivia em nível superior ao que frequentava, nem estou à altura de apreciar a sua obra literária, mas posso dar algumas das impressões que me ficaram desde esse recuado tempo.

Eleito Deputado para o Parlamento, que elaborou a Constituição de 1911, interveio na sua discussão, e tão brilhantemente se houve, que os chefes políticos, Afonso Costa e Brito Camacho, logo o quiseram atrair aos seus partidos, oferecendo-lhe compensações, que não eram do Estado, para organizar a sua vida em Lisboa.

O Dr. Eduardo de Almeida recusou, talvez pelo amor arrelgado a esta terra onde tinha os seus Amigos e Família.

Deixou de lado essa oportunidade de se elevar pela política para se dedicar ao seu labor intelectual e de investigador da história da sua terra natal de que nos deixou uma obra notabilíssima.

Além de ser um espírito cultíssimo, era dotado de uma generosidade de S. Vicente de Paula, de que tive ocasião de verificar um passo.

Estavam com residência fixada no Algarve alguns vimaranenses, e outros, que de cá foram e lá viviam em precárias circunstâncias.

Queixaram-se de várias necessidades e apelaram para o socorro dos seus amigos, que organizaram uma subscrição que foi coberta com subsídios de destacadas figuras vimaranenses.

Quando se apelou para o Dr. Eduardo, que ignorava essas circunstâncias, e expostas as primeiras palavras, já não quis saber de mais nada, puxou da carteira e: — Quanto é preciso dar? Do seu brilho como orador recorde a conferência feita, talvez

há dois anos, na Associação Jurídica de Braga em que nos encantou a sua eloquência de erudito. E a referência de Gilberto Freire no seu livro «Aventura e Rotina» que reproduzo:

«Em Guimarães, saúdo-me — e saúdo principalmente o Brasil, na minha pessoa — o advogado Eduardo de Almeida. Ao contrário do admirável Raúl Teixeira, Almeida conhece os meus livros; lê-os com olhos inteligentes; evoca-os com palavras amigas. Não me lembro de ter sido festejado em Portugal com palavras mais generosas: generosas e lúcidas, ao mesmo tempo».

Tenho uma dívida de gratidão que procuro agora retribuir ao recordar-me do seu espontâneo oferecimento de uma das suas obras a troco das minhas modestas crónicas do «Notícias de Guimarães», dedicando estas pobres considerações à sua memória.

Guimarães perdeu um Homem bom, generoso, erudito, cultíssimo e eloquente.

Juqueiros — Felgueiras, 8-1-1958.

A. DE QUADROS FLORES.

Morreu o Dr. Eduardo

Foi com grande consternação que receci a lúdicia notícia do falecimento do Dr. Eduardo de Almeida, mais um vimaranense ilustre que desaparece do número dos vivos e que à sua terra dedicou o melhor da sua vasta cultura intelectual e da sua esclarecida e cintilante inteligência.

Os seus discursos tão impregnados de beleza e de maravilhosos conceitos, os seus escritos que excediam a admiração dos mais exigentes, a constância da sua afabilidade, a majestade, o domínio e a soberania da sua dignidade, tudo isso constituía o seu espírito ardente e grande.

Moderado e sereno nas suas atitudes, as suas virtudes cívicas tornaram-no um exemplo de prudência nas suas vitórias, perante as quais se mantinha vigilante, mas não envaidecido.

O seu carácter de pura integridade e a sua graça de perfumada suavidade projectavam-se na convivência com os amigos, sobretudo com aqueles que mais o veneravam e mais o admiravam sem apego a ambições que não fossem legítimas e sem a preocupação de vaidades, o seu talento conduziu-o ao exercício de vários cargos na política do país, entre os quais o de deputado nas primeiras Constituintes da República, e de Secretário de Ministro da Justiça quando foi titular dessa Pasta o saudoso estadista Dr. Manuel Monteiro, o de Administrador do Concelho, etc.

Sempre fiel aos seus princípios ideológicos, mas também sempre generoso e humano, nunca deixou de manter vivas e bem expressivas as suas virtudes políticas de temperança e de moderação perante os seus adversários, que, por isso mesmo, o respeitavam e o estimavam. Como Jornalista e Escritor, os seus trabalhos são o melhor testemunho da sua fei unidade e da sua objectiva perspicácia no caminhar.

M. MENESES.

Continua na 7.ª página.

À SUA MEMÓRIA

Estava eu naquela manhã fria, destes primeiros dias do ano, e enquanto aguardava a hora de me envolver na vida febricitante da actividade lisboeta, a admirar a nova Capital com os seus prédios simétricos, amplas avenidas e intensa actividade comercial, num lugar onde ainda há sem poucos anos laranjais e oliveiras compunham as quintas dos arredores, quando abrindo um diário alfaiateira vi a fotografia do Dr. Eduardo de Almeida entre o número das pessoas que, nessa hora, tinham abandonado o mundo.

Fiquei profundamente emocionado com a triste notícia, pois embora não fosse do convívio do ancião, que nos abandonava definitivamente, perpassou por mim uma mágoa pela dura realidade dum valor perdido.

A distância onde me encontrava, encaminhei o meu espírito até as paragens vimearanenses, para ouvir com rendida atenção a palavra do orador na Sociedade Martins Sarmento; o repto do Advogado envolto na sua toga ante um auditório embevecido e reli mentalmente algumas das suas obras literárias. Nestas, de todas as facetas mentais anteriormente expostas a que eu mais de perto conhecia, saltaram frases de português vernáculo, estilo de bom timbre e sonoridade na riqueza e pujança dos termos e forma que deleitava pela concisão como era trabalhada.

Da sua actividade parlamentar, de político, de figura influente na vida local, tenho as mais altas apreciações pela dignidade de carácter e pela justeza de ânimo como cumpriu a sua vida pública.



Dr. Eduardo de Almeida — (Lápis do Dr. José Moura Machado)

Eu não era do convívio do Dr. Eduardo de Almeida, de quem a diferença de idade foi talvez o motivo forte que nos inibiu de vivermos mais perto um do outro. Mas guardo da sua memória, além da homenagem devida pelas suas virtudes e alto espírito, as atenções que sempre me dispensou quando, aqui ou ali, na vida local, nos encontrávamos. E recordo que a última vez que estivemos a conversar, foi durante a Festa das Bodas de Prata do *Notícias de Guimarães*, quando após eu ter feito o Brinde a Antonino Dias, José Pinto Rodrigues — outro grande amigo que a morte nos roubou — me veio buscar e me encaminhou para junto do Dr. Eduardo de Almeida.

O ancião, rosto sereno, olhar iluminado, a brancura dos cabelos a dar-lhe solenidade, firme na sua verticalidade mental, estendeu-me a mão e teve palavras de estima para mim. Ao lado, o Dr. José Pinto Rodrigues, sempre vivo e brilhante, iniciava um colóquio que ia arrastar-se pela tarde fora. Deliciado com o tema e com as personalidades envolvidas no debate fiquei, mal sabia eu, com a última imagem espiritual do Dr. Eduardo de Almeida. Infelizmente, na voragem do tempo, os homens acabam a sua missão, e se eles, enquanto vivos não edificarem a obra que os consagre, a memória do seu semelhante apressadamente os esquecerá: Guimarães e os seus habitantes, não poderão olvidar a figura excelsa do Dr. Eduardo de Almeida, mesmo que num arroubo de modéstia queira seguir para o Campo Santo, simplesmente, humildemente, desprendidamente de tudo e de todos...

JORGE DA COSTA ANTUNES.

O passamento e o enterro do insigne vimearanense DR. EDUARDO DE ALMEIDA

Na sua residência à Rua de Gil Vicente, nesta cidade e na madrugada de segunda-feira, dia 6, finou-se serenamente o respeitável vimearanense Sr. Dr. Eduardo de Almeida, de seu nome completo Eduardo Manuel de Almeida Júnior que se tornou uma figura notável nas Letras e na Advocacia e era possuidor de impoluto carácter, Espírito democrata, sem nunca abdicar das suas convicções, soube contudo manter a maior tolerância, tornando-se por isso respeitado e admirado por todos aqueles que o conheciam.

Manteve relações íntimas com personalidades notáveis, tais como João Franco, Afonso Costa, Alfredo Pimenta, Manuel Monteiro e tantos outros que militaram na política e que a morte já levou.

Advogado, Jornalista e Escritor, nasceu em Guimarães em 1884. Formou-se na Universidade de Coimbra em 1905. Desde os 15 anos que cultivou o jornalismo em Guimarães, e depois, em Coimbra dirigiu com Alfredo Pimenta e Campos Lima a publicação *Era Nova*, de intentos sociais avançados. Escreveu ali os panfletos *Burgo Podre*, que fizeram grande sucesso. Depois da implantação da República em 1910 ocupou brilhantemente cargos públicos e foi deputado às Constituintes. Como advogado interveio em causas de grande brado, entre elas a defesa de Silva Pinto do crime de abuso de liberdade de imprensa. Dirigiu os semanários vimearanenses *Comércio do Norte*, *O Republicano* e *O Povo de Guimarães*. Colaborou na grande e na pequena imprensa do País. Quando Sampaio Bruno dirigiu *A Voz Pública*, foi Eduardo de Almeida um dos seus melhores articulistas. Escreveu: *Na Lama* (romance—Coimbra 1905); *A Família e a evolução social* (estudos—Guimarães, 1911); *O Marido* (teatro, Guimarães, 1918); *Almas do Purgatório* (novelas—Guimarães, 1920); *Discursos* (Guimarães, 1921); *O Recolhimento do Arcanjo de S. Miguel* (Guimarães, 1923); *Romagem dos Séculos* (Guimarães, idem); *O Colégio de S. Dâmaso* (Guimarães, 1925); *Vida de Sombras* (novelas, 1929); *Um Centenário de Labor Comercial na mesma Família* (Guimarães); *A Sombra do Cruzeiro* (idem); *Alguns episódios e retratos do antigo foro Vimearanense* (idem); *A luz da Candea do Azeite do Filósofo da Trapeira* (idem); *Sátiras Políticas de Seiscentos* (idem); *Frei Isidoro de Barreira e o Tratado das Significações das Plantas, Flores e Frutos* (idem); *O Edeceira* (idem); e, ainda muito recentemente, por meados do ano findo, *Peregrinação pelo Termo de Guimarães*, estudo importante que fez nas colunas do *Notícias de Guimarães*, em que colaborou durante 25 anos consecutivos.

Na *Revista de Guimarães*, editada pela Sociedade Martins Sarmento, deixa também valiosa colaboração. Foi Administrador do Concelho de Guimarães, após o advento da República; Chefe de Gabinete do Ministro da Justiça Dr. Manuel Monteiro; Presidente, diversas vezes, da Sociedade Martins Sarmento; Presidente da antiga Associação Comercial e Industrial de Guimarães e, durante alguns anos, gerente da Filial de Guimarães do Banco Nacional Ultramarino.

Era sócio honorário da S. M. S. e correspondente do Instituto Histórico do Minho. Desempenhava há anos as funções de advogado sênior da Câmara Municipal. Conferencista insigne, a sua voz fez-se ouvir muitas vezes e era sempre escutado com o mais vivo interesse.

O Dr. Eduardo de Almeida que nasceu em 3 de Fevereiro de 1884 e completaria dentro de um mês 74 anos, era casado com a Sr.^a D. Angélica Pizarro de Almeida; pai da Sr.^a Dr.^a Angélica Pizarro de Almeida da Fonseca, casada, com o Sr. Eng.^o Alberto Marques da Fonseca e dos Srs. Dr. Fernando Pizarro de Almeida, casado com a Sr.^a Dr.^a Camila Júlia de Seabra Pizarro de Almeida e Eduardo Pizarro de Almeida, casado com a Sr.^a D. Camila Alcântara Pizarro de Almeida; irmã da Sr.^a D. Maria de Oliveira Almeida Gonçalves, casada com o Sr. Dr. António de Jesus Gonçalves, e do Sr. Jerónimo de Almeida, casado com a Sr. D. Margarida de Almeida.

Em suas disposições testamentárias o Dr. Eduardo de Almeida dizia ser seu formal desejo, e assim expressamente o determinava, pedindo encarecidamente fosse respeitada essa vontade, que o seu enterro se fizesse sem acompanhamento, sendo o cadáver transportado singelamente, a hora não designada nem ao público, nem a amigos ou parentes, nem a particulares, para o cemitério de Atougia e nele enterado em cova na terra, com uma simples cruz de granito.

E manifestava ainda o desejo de poder ser acompanhado pelo Rev. Pároco da Freguesia de S. Paio.

Procurou cumprir-se a sua vontade.

Apesar de não ter sido revelada a hora em que o funeral deveria efectuar-se, logo de manhã cedo na terça-feira, muitas foram as pessoas que acorreram à casa do extinto para assistir ao saimento fúnebre, ou compareceram no Cemitério, para prestarem-lhe a derradeira homenagem.

Entre os assistentes viam-se os Srs. Presidente da Câmara Municipal, Dr. José Maria de Castro Ferreira; Presidente da Sociedade Martins Sarmento, Coronel Mário Cardoso e outros Directores da mesma Instituição; Vice-Reitor do Liceu, Dr. José Catanas Diogo; Director do Internato Municipal, P.^o José Carlos Simões de Almeida; Provedor da Misericórdia Prof. Mário de Sousa Meneses; Director da Escola Industrial e Comercial, Escultor António Azevedo; Comendador Alberto Pimenta Machado; Drs. João António de Almeida, João Afonso de Almeida, Mário Dias de Castro, João A. Mota Prego de Faria, Presidente dos B. V., Dr. Adelinho Jorge, Dr. Fernando Ayres, Dr. Manuel F. Pinto dos Santos, Coronel António Quadros Flores, Major Miguel Ferreira, T. Mendes Simões, António A. A. Ferreira, Alberto Vieira Braga, Casimiro Martins Fernandes, Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Francisco Pereira Mendes, Francisco Ramos M. Fernandes, Augusto J. Silva, José Machado Vaz, Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses, Domingos M. Fernandes, etc., e muitas Senhoras.

As 9 horas precisas o féretro foi retirado da câmara ardente aos ombros de quatro tipógrafos — profissão que tanta simpatia mereceu a Eduardo de Almeida — e logo conduzido ao cemitério Municipal.

Ali, após o responso e a bênção lançada pelo sacerdote, foi então sepultado em campa rasa e quase junto do seu e nosso grande amigo Dr. José Pinto Rodrigues, que a morte levou também há 10 precisos meses.

Junto com o corpo de Eduardo de Almeida baixou à cova um ramo de cravos vermelhos — homenagem sincera e sentida do director deste jornal.

Sobre o ataúde também foram depositas uma coroa dos Advogados de Guimarães e ramos de flores das pessoas mais íntimas.

Fizeram-se representar nas homenagens fúnebres: Dr. Nuno Simões, de Lisboa; A. Garibaldi, de Felgueiras e Poeta Delfim de Guimarães, de V. N. de Gaia, pelo Director do *Notícias de Guimarães*; Dr. Manuel Jesus de Sousa e Dr. Manuel José Ferreira da Costa, de Coimbra, pelo Sr. Coronel Mário Cardoso; Arquivo Municipal Dr. Alfredo Pimenta, pelo director Sr. Rodrigo Pimenta; *Revista Gil Vicente* pelo Sr. Manuel Alves de Oliveira; Junta de Turismo da Penha, pelo seu presidente Sr. Dr. Carlos Saraiva; José Jacinto Júnior, pelo Sr. José Jacinto de Carvalho; Manuel Pereira Mendes, pelo Sr. Joaquim M. Pereira Mendes; Fernando Gilberto Pereira, pelo Sr. José Gilberto Pereira.

Já depois de feito o enterro chegaram ainda diversas pessoas de Fafe, Póvoa de Lanhoso, etc., que ignorando embora a hora do funeral, se apressaram a vir prestar homenagem ao querido morto. A romagem junto ao seu túmulo prosseguiu, por isso mesmo, por mais algum tempo.

Notícias de Guimarães, presta ao querido e dedicado e ilustre Colaborador de tantos anos, a homenagem do seu maior respeito e gratidão, ajoelhando ante o seu cadáver, e acompanha no seu profundo desgosto a Família dorida, renovando-lhe a expressão do seu muito pesar.

UMA CARTA

Recebemos com pedido de publicação a seguinte carta:

«Guardizela, 7 de Janeiro de 1958.
... Senhor Editor do Jornal *Notícias de Guimarães*.

... Senhor:
Há-de V... ter a bondade, mesmo em prejuízo do precioso espaço do considerado jornal de que é digno Editor, de que eu volte (o com estas linhas dou o caso por arruinado) a restabelecer a verdade do assunto versado pelo V/ correspondente nesta freguesia o relativo à presidência da sua Junta de Freguesia.

E sou obrigado a fazê-lo em face da teimosia e do tom jocoso do solicitado correspondente do *Notícias de Guimarães* na sua correspondência arquivada no número de 29 de Dezembro do ano findo.

Agradeço a lição de Direito Administrativo que o Sr. correspondente

CARTA A UMA SENHORA

Minha Senhora:

Enquanto os *Sputniks* continuam a percorrer livremente o espaço sem o receio de serem vítimas do perigo das passagens de nível, da velocidade *desenfreada* dos automóveis, do ardil das cascas de laranja, das golfadas dos caleiros condutores das águas pluviais, etc., etc., nós, cá por baixo, continuamos sujeitos a esses precalços e, portanto, com a vida mais arrisçada. Porém, como não vale a pena remar contra a maré, melhor será mudar de assunto e, neste caso, derivá-lo para ambiente mais aroso, como, por exemplo, para o que diz respeito ao progresso de Guimarães que, graças à infalibilidade do adágio «quem espera sempre alcança», se encontra fora do ponto morto, visto estar no caminho que o conduzirá ao seu apogeu, verificando-se, assim, que «não há mal que sempre dure».

De facto, ninguém, de boa fé, poderá negar que grandes e importantes melhoramentos estão em curso e que outros se lhes seguirão, uma vez que também já entraram na zona das realidades com a aquisição dos respectivos terrenos para a sua construção. Perante estas circunstâncias, está a ser feita a Guimarães a justiça a que tem irrefutável direito, ou não fosse aqui onde se ergueu o primeiro Altar da Pátria, iluminado com a luz redentora da Nacionalidade, luz que mais tarde foi tirar das trevas outros recantos do mundo, chegando a espalhar-se por toda a parte.

Desta forma, o progresso de Guimarães tem absoluta justificação e ainda bem que assim o compreende o próprio Estado com a justiça que está a fazer a esta terra, sobretudo pelo Departamento das Obras Públicas com a colaboração, aliás decidida e valiosa da Câmara Municipal, pois que, pela parte que lhe diz respeito, não tem deixado perder a devidas oportunidades de colaborar com o Poder Central dentro do que lhe tem sido exigido nesse sentido.

Por isso, é de crer que tudo continue a correr pelo melhor e que, dentro dessa ordem de ideias, a mesma colaboração e o mesmo interesse se venham a verificar no sector da Assistência concelhia, designadamente na Assistência hospitalar, que tem vivido atrofiada por virtude da pouca protecção que tem tido, não obstante serem conhecidas, de sobejo, as suas imperiosas necessidades, dia a dia manifestadas no primeiro Estabelecimento hospitalar do Concelho, ou melhor, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, cuja categoria e cuja capacidade de nenhum modo poderão corresponder à categoria desta terra e à sua população, actualmente superior a cem mil habitantes.

Ora, assim como os Santos não poderiam fazer milagres se lhes faltasse a protecção da Divindade que os atende, também nenhuma Mesa Administrativa da referida benemérita Instituição poderá transformar em realidade os seus esforços e os seus desejos sem o patrocínio das Entidades locais junto das respectivas Entidades superiores, tanto mais que algumas destas já reconheceram, *in loco*, que o problema hospitalar em Guimarães exige a condigna solução a que tem direito e que esta só poderá efectivizar-se com a ampliação do actual edifício, comportando um bloco cirúrgico, enfermarias, entre as quais uma de pediatria, instalações próprias para os serviços de especialidades, etc.

Sendo assim, este melhoramento não deve ser relegado para plano secundário, quer por parte das pessoas que se encontram à frente dos destinos do Concelho, quer por parte da Imprensa. Não se deve pugnar,

me pretendeu dar ao aludir ao § único do Art. 249.º do Código Administrativo. Simplesmente o Senhor Presidente desta Junta de Freguesia não está impedido, mas na efectividade. E logicamente ninguém pode substituir uma pessoa em actividade. É o caso do Secretário da Junta de Freguesia de Guardizela em relação ao Presidente daquele Corpo Administrativo a quem o facto da sua transferência domiciliária para outra freguesia, conjugado com o facto de não haver solicitado qualquer licença (e nenhum elemento eleito pode solicitar excusa das suas funções), desde que continua na efectividade do cargo, não pode, logicamente, ser substituído pelo Secretário.

E este o nosso caso claro como a cristalina água!

E enquanto se não observar a perda de mandato e o Presidente da Junta continuar a assistir às sessões, o Secretário da Junta não passa de Secretário e o Presidente continua a ser Presidente.

Cada um no seu lugar em obediência aos imperativos da Educação e da Lei.

Quanto à colaboração na tarefa do progresso local do Sr. correspondente de o *Notícias de Guimarães*, o Secretário da Junta e este Corpo Administrativo só tem que agradecer-lhe e fá-lo com o maior reconhecimento.

De V....

Atenciosamente grato,

(a) Vasco Alves Machado.

apenas, pelos empreendimentos de vistosas fachadas, mas também por aqueles onde a miséria possa encontrar sempre abertas as portas da Caridade, porque, se assim não for, o cenário do progresso deixará de ter a parte da beleza que a miséria ofuscar e, além disso, a Caridade, como disse D. António da Costa, «é a esponja do coração, porque quanto mais bens espreme, mais bens lança de si». Todavia, como Guimarães continua a ter na Assembleia Nacional um Filho muito ilustre e muito interessado no seu progresso — o Sr. Engenheiro Duarte Amaral, estou certo de que, entre outros assuntos de interesse local, não lhe passará despercebido o que diz respeito ao problema hospitalar. Guardemo-nos, pois, que Sua Ex.^a, com o seu prestígio pessoal e com a sua influência política, consiga que o Hospital da Misericórdia seja colocado no nível da sua verdadeira função social e humanitária, tanto mais que já não lhe falta um numeroso, distinto e dedicado Corpo Clínico, distribuído pela clínica de medicina, pela de cirurgia e pela das diversas especialidades actualmente existentes.

E para não ser mais extenso, termino esta fazendo votos para que as legítimas aspirações dos Vimearanenses, respeitantes a este assunto, mereçam a atenção de quem de direito.

E de resto, minha Senhora, aspirações quem as não tem?

De V. Ex.^a, crd.^o ven. e ob.^o

Janeiro de 1958. X.

Rotary Clube de Guimarães

A reunião de quarta-feira do Rotary Clube de Guimarães assistiram diversos convidados entre os quais os Srs. Dr. Brochado Teixeira, em representação da Direcção do Vitoria Sport Clube; Dr. Jorge da Costa Antunes, Presidente da Assembleia Geral do mesmo clube; António Faria Martins, Damião da Silva, Diamantino Soares Mourão, João Isidoro Bouça e Fernando Pereira da Costa, e o Sr. Fernando Vaz, distinto Jornalista e competente técnico de futebol, que proferiu a palestra regulamentar.

Presidiu o Sr. Antonino Dias de Castro, secretário do Sr. Engenheiro Helder Rocha, dirigindo o protocolo o Sr. António A. A. Ferreira Júnior.

A caudação à bandeira Nacional foi feita, a convite do Presidente, pelo Sr. Dr. Brochado Teixeira.

Antes de dar início aos trabalhos o Presidente referiu-se ao desaparecimento do Homem de Bem e talentoso Escritor e Advogado vimearanense, que foi o Dr. Eduardo de Almeida, proferindo algumas breves palavras de homenagem e saudade e propondo alguns momentos de silêncio em sua memória.

Os convidados foram depois saudados pelo director do protocolo e feita a leitura do expediente pelo secretário.

O Presidente fez em breves palavras a apresentação do palestrante da reunião, Sr. Fernando Vaz, que dissertou «Aspectos Sociais do Futebol», proferindo um trabalho interessantíssimo. Começou por referir-se ao Rotary, movimento de companheirismo, de tolerância e de solidariedade, qualidades que exornam o carácter, para depois se ocupar do desporto que é o auxiliar precioso da pedagogia. afirmou que o futebol é um fenómeno mundial, tão necessário a quem o pratica como a quem o auxilia.

Referiu-se depois à função social do futebol, que fomenta o companheirismo e a solidariedade, destruindo barreiras sociais.

Usou depois da palavra o Sr. Dr. Brochado Teixeira que agradeceu em nome do Vitoria o convite para assistir àquela interessante reunião e, porque lhe foi dado assistir pela primeira vez a uma sessão rotária, manifestou o prazer que sentiu, enaltecendo os objectivos da organização. Depois teve palavras de merecido louvor para o palestrante.

O comentário da reunião foi feito pelo Dr. João A. Mota Prego de Faria.

Começou por referir-se a morte de Eduardo de Almeida, o vimearanense mais representativo das últimas décadas, lamentando que as suas disposições testamentárias tenham impedido que a Cidade lhe tivesse prestado, na altura do seu funeral, a homenagem a que tinha incontestável direito. Referiu-se, a propósito, com saudade, ao Dr. José Pinto Rodrigues, afirmando que Guimarães perdeu, em bem pouco tempo, dois grandes valores.

Fez depois o elogio da palestra de Fernando Vaz, dizendo-lhe da agradável impressão que ela em todos deixou e felicitando-o.

O Presidente, após ligeiras considerações e agradecendo a todos os convidados o prazer que haviam dado a Rotary com a presença àquela reunião, declarou encerrados os trabalhos.

Procedeu-se à *quête* habitual que rendeu 300\$00.

MUTUALISMO

Associação Artística Vimearanense

Foram eleitos em Assembleia Geral os novos Corpos Gerentes:

Assembleia Geral:

Efectivos — Presidente, João Xavier de Carvalho, Funcionário Administrativo; 1.º Secretário, Benjamim de Melo, Industrial; 2.º Secretário, José Miranda, Industrial.

Substitutos — Presidente, João Pereira, Debedor; 1.º Secretário, José Mendes, Proprietário; 2.º Secretário, Manuel Ferreira Mendes, Mestre de Obras.

Direcção:

Efectivos — Presidente, Eduardo de Oliveira Machado, Guarda-Livros; Secretário, Francisco Mendes Simões, Guarda-Livros; Tesoureiro, Manuel Magalhães, Industrial; Vogais, Francisco Correia de Almeida, Contínuo da E. Industrial; Francisco

Gomes Alves Ferreira, Comerciante; Francisco José Ferreira, Alfaiate; e José Augusto Branco, Ferrador.

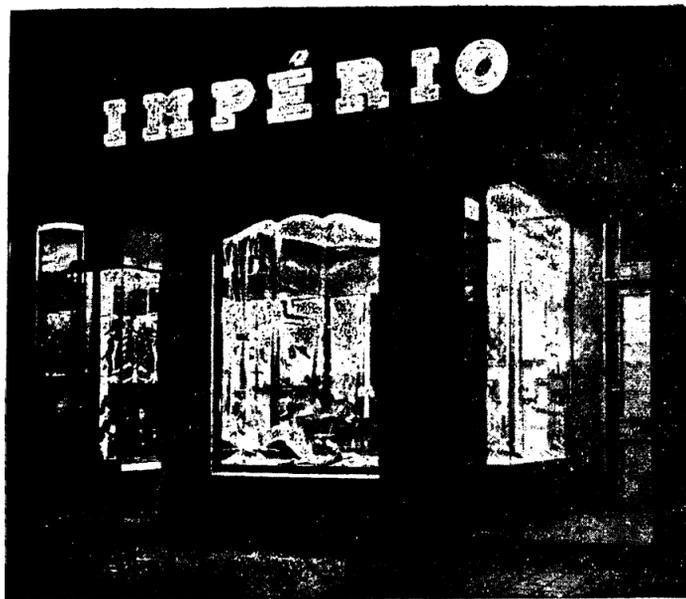
Substitutos — Presidente, António Malheiro Rodrigues, Industrial; Secretário, Caetano José Ribeiro, Funcionário Administrativo; Tesoureiro, Armando Martins Ribeiro da Silva, Industrial; Vogais, António Antunes, Industrial; João Salgado, Empregado de Escritório; José Pereira Marinho, Comerciante; e José Mendes de Oliveira Machado, Industrial.

Conselho Fiscal:

Efectivos — Presidente, José Armando de Sousa Pinto, Empregado Industrial; Secretário, Emanuel Mesquita Vieira de Andrade, Funcionário Administrativo; Relator, Fernando José de Sequeira Horiz, Empregado de Escritório.

Substitutos — Presidente, Fernando António de Oliveira Pires, Guarda-Livros; Secretário, José de Sousa, Empregado Comercial; Relator, Casimiro António Ferreira, Empregado Industrial.

IMPÉRIO - Nova Sapataria



CALÇADO PARA

SENHORA, HOMEM E CRIANÇA

DAS MAIS REPUTADAS MARCAS



Alberto Laranjeiro dos Reis, ao ter inaugurado já este seu novo estabelecimento, saúda com cordialidade todos os VIMARANENSES

TOURAL

TEL. 4395

Do Concelho

Caldas de Vizela

Agentes de cobrança das Festas da Vila

A nova Comissão das Festas da Vila, há pouco tempo empossada, já trabalha com grande entusiasmo para que as festas deste ano não desmereçam das dos anos anteriores e para tal já nomeou os agentes de cobrança, os seus mais directos colaboradores, que são os seguintes Senhores:

Rua Dr. Abílio Torres: Manuel Luís de Almeida, Daniel Dias da Costa, Jorge Almeida, Domingos Antunes da Costa, Ramiro Guimarães, António José Ferreira e João Madureira Júnior.

Rua da Rainha: António Cunha e Joaquim José Teixeira.

Rua Ferreira Caldas: João Madureira e João Fernandes Oliveira.

Praça da República: Renato Antunes da Costa, Joaquim Ribeiro Ferreira e José Maria Almeida.

Lugar de Santa Susana: Américo Fernandes da Cunha e Adão Armando Pedrosa.

Ponte de Pau e Belmanso: Crau Eleutério Vasconcelos e Manuel Fernandes Abreu.

Texugueiras: Joaquim Madureira Machado.

Cruz-Café: Arménio Dinis Salgado, Alfredo Cunha Freitas, Joaquim Honoré de Abreu, Armando Luís Salgado e António Novais Ribeiro.

Rua Joaquim Pinto: Rogério Campos e Orlando Faria Leite.

Avenida Abade de Tagilde e Lugar de Frades: Manuel Rosas de Carvalho, Manuel Fernando Alves e Arnaldo Almeida.

Ponte Velha: Domingos Lemos Branco e António Eduardo.

Lugar do Monte: Manuel Cunha Marques e António Gomes da Costa. Migide: Adão Lima.

Perigo constante

Na Rua Dr. Abílio Torres, no sítio aonde começa a nova Avenida de S. Miguel e para a construção desta, fizeram desaparecer parte do passeio, o que constitui um perigo iminente para quem lá passa, momento de noite, pois não está sinalizado e nem tão-pouco tem qualquer vedação.

Para o facto chamamos a atenção de quem de direito, no sentido de

que seja eliminada esta deficiência, porque se assim continua, qualquer dia teremos que lamentar algum desastre.

O aniversário do «Notícias de Guimarães»

Ao completar mais um ano de existência o nosso querido *Notícias de Guimarães*, aproveitamos o ensejo para apresentar as nossas cordiais saudações ao seu ilustre Director e formulamos votos pelas prosperidades deste grande defensor dos interesses do concelho de Guimarães.

Festividade em honra de S. Sebastião

Na paróquia de S. João das Caldas, vai realizar-se este ano a festa em honra do Mártir S. Sebastião. O luzido programa será dado ao conhecimento dos nossos leitores na devida oportunidade.

Futebol

Hoje, pelas 15 horas, no Campo Agostinho de Lima, efectua-se um sensacional desafio de futebol, que promete ser renhido, entre as equipas das Selecções de S. João e S. Miguel das Caldas. Todos ao Campo do Lima, pois é mais uma organização da Comissão pré-Futebol Clube de Vizela.

Teatro Círculo-Parque

Apresenta hoje, às 15,15 e às 21 horas, o sensacional filme colorido de vulgar êxito, *Com quem andam as nossas Filhas*, com Sílvia Derbez, Yolanda Vargia e César del Campo.

(Espectáculos para maiores de 17 anos). Domingo, 19 de Janeiro — Mais um êxito de Mário Moreno — *Cantinflias*, o *Porteiro*.

Farmácia de serviço

Hoje está de serviço permanente a Farmácia Campante, Tel. 48272.

De Covas

Tenente-Coronel João de Paiva de Faria Leite Brandão

Foi condecorado com a medalha de prata de serviços distintos e louvado — ver o número anterior deste jornal — por Sua Ex.^a o Ministro do Exército o nosso distinto conterrâneo Sr. Ten.-Coronel João

de Paiva de Faria Leite Brandão, adido militar e aeronáutico em Washington e representante militar no Canadá.

Por tão alta distinção — que muito honra a sua e nossa terra — felicitamos o ilustre Oficial do Estado Maior.

Aniversário do «Notícias de Guimarães»

Passou ontem mais um aniversário — o 26.º — do *Notícias de Guimarães*, que honra a Imprensa Regional. É que este Jornal tem sabido cumprir a sua missão jornalística.

Na realidade, trata-se do melhor semanário do distrito, onde é muito estimado. Foi ainda este periódico que em 26 anos de vida já distribuiu pelos pobres mais de 500 (quinhentos) contos — graças à confiança que os seus leitores nele depositam. Por tal motivo, apresentamos ao seu Director bem como a todos os seus colaboradores, afectuosas saudações.

Apontamento

Com a morte do saudoso vimaranense Sr. Dr. Eduardo de Almeida, advogado, escritor e jornalista perdeu este jornal um dos seus mais antigos e brilhantes Colaboradores, a quem Guimarães fica a dever relevantes serviços.

A Redacção do nosso jornal e à família enlutada apresentamos a expressão do nosso pesar.

A gatunagem

Todos os anos nesta altura a gatunagem limpa os galinheiros e o mais que pode nesta região. E foram felizes em 1958... Chama-se a atenção de quem de direito.

Santo Amaro

Nos próximos dias 15 e 19 realiza-se, a dois passos desta localidade, uma das mais importantes e típicas feiras e romarias, respectivamente, dos arredores da cidade — os tradicionais festejos anuais do Santo Amaro, que ali atraem, todos os anos, milhares de forasteiros. Como na quarta-feira, dia 15, é a primeira grande feira do ano — onde já se joga o Carnaval — é muito concorrida e animada pela mocidade e, no domingo, 19, a romaria ainda é mais animada. O lugar de Santo Amaro possui ainda recantos agradáveis, onde osromeiros podem passar uma tarde maravilhosa, estando de sol — claro!

Quatro notícias

É muito necessária a reparação da estrada Covas-Penha. A empresa de camionetas está em riscos de suspender as carreiras. — Abriu este ano mais uma taberna nesta localidade...

— Aos domingos, o *Notícias de Guimarães* pode ser procurado pelos assinantes desta localidade no Posto do Correio de Covas.

— No lugar das Lapas está um acampamento de ciganos.

Galo clumental...

O comerciante Sr. Manuel Ribeiro da Silva possuía um casal de galináceos, de raça e bonito, que vivia na mais perfeita comunhão de «pareceres». Andavam sempre juntos e eram bastante felizes. Mas há dias, o dono do «perfeito casal» comprou outro galo, que iria substituir o companheiro inseparável da galinha, o qual, por sua vez, iria funegar, corado, na mesa festiva da consolda. E sem que, todavia, fugisse ao seu destino, quando lhe separaram a galinha, juntando-a ao outro galo, revoltou-se, cacarejando furiosamente, e tanto se comoveu que acabou por desmaiar. Foi assim, inanimado, que o meteram no balde, onde cairia a água quente e o seu sangue apaixonado... Os galos também desmaiam de amores! — e de medo!

Apontamentos da cidade

Problemas de Guimarães — Fizemos há dias um inquérito nesta cidade, para o jornal de Lisboa *Diário Ilustrado*, em que depuseram diversas personalidades, entre outras, os Senhores: António de Almeida Ferreira, proprietário; Manuel de Almeida, empregado comercial; José Carlos de Oliveira Pinheiro, guardalivros; António Peixoto Guise, comerciante; José Maria de Almeida, industrial; Aníbal dos Santos Rocha, afinador de máquinas de malhas; José de Carvalho, industrial; menina Rita Pinheiro Ribeiro da Silva, funcionária pública; etc.

Eis as três pretensões mais desejadas:

1.º — *Habitções suficientes* para a classe média, pois as rendas são das mais onerosas do País.

2.º — *Iniciar as obras do Quartel de Cavalaria 6*, um dos principais melhoramentos para a cidade.

3.º — *Carreira de autocarros* para servir os estudantes e milhares de operários. Seguir o exemplo de Braga.

— Foram estas as três obras mais solicitadas, seguindo-se ainda: mais um teatro; o parque do Castelo; central de camionagem; saneamento; arruamentos; resolvida a crise de trabalho da classe operária; modificar o transporte para a Penha; novo edifício para o Liceu; etc. Ficou também demonstrado que o problema da habitação continua a ser o número 1 de Guimarães.

Notícias pessoais

No passado dia 3 fez anos o nosso bom amigo Sr. Sidónio de Magalhães Araújo, do Castanheiro. Parabéns. — C.

Guardizela

Balanço sem números

É possível que os nossos amigos leitores se admirem do título que escolhemos para a nossa crónica de hoje; e o caso não é para menos — *Balanço sem números?*... — mas é alguma coisa isto, perguntarão de si para si os poucos amigos, mas verdadeiros amigos, que durante o ano, e ano após ano, nos vêm dando o que de mais importante e consolável nos poderiam dar — o grato prazer, a alegre satisfação de lerem os nossos descoloridos e pobres sarabiscos desta secção.

Pois é verdade, senhores, apresentaremos hoje o «balanço» das actividades colectivas levadas a efeito durante o ano de 1957 nesta freguesia e se só agora o fazemos é porque mais cedo se não nos depa-rou outra «deixa».

Falaremos «sem números», embora falar dessa maneira seja sempre uma empresa bastante arriscada (ele é perigoso até falar por números!), mas tudo aquilo que está à frente dos nossos olhos e dos de quem tem olhos de ver — não será muito melindroso apre-gegar junto dos... cépticos.

De relance, lembramo-nos que foram inauguradas em 28 de Maio as Escolas Primárias, que aliás ficaram a atestar uma época e um Homem — Abel Gomes da Costa.

Que mais se teria feito? Ora deixem-nos pensar...

Ah! Fez-se ainda mais uma coisa que não vale a pena mencionar, porque tememos ferir susceptibilidades, mas não foi nada, mesmo nada.

E foi isto tudo (afora as Escolas, é muito, não é?) o que fez durante um ano inteiro a autarquia local.

«Notícias de Guimarães»

Completo ontem 26 anos de vida o brilhante semanário *Notícias de Guimarães* que o nosso Ex.^{mo} Amigo e caro Director, Sr. Antonino Dias Pinto de Castro, com seu espírito desempeado vem dirigindo desde o seu alvor.

Pela compreensão, pela prodigalidade franca e pela lealdade que para conosco tem tido, aproveitamos a oportunidade para pedir ao nosso querido Amigo se digne aceitar as nossas felicitações com os sinceros desejos dum *Notícias de Guimarães* eterno.

Bodas de Prata Sacerdotais

Por lapso, no relato que das Bodas de Prata do Padre Ezequiel, de Moreira de Cónegos, fizemos para o último número deste jornal, não mencionámos que a Missa e o *Te-Deum* tiveram o acompanhamento do Grupo Coral do Rev. Padre José de Sousa Monteiro, que por sinal é digno de ser ouvido.

Da deplorável falta pedimos desculpa.

Padre Fernando Porfírio Almeida Ribeiro

Passa na próxima quarta-feira, 15, mais um aniversário natalício do Rev. Padre Fernando Porfírio Almeida Ribeiro, que com zelo e dedicação vem pastoreando esta freguesia.

De raras virtudes e nobres qualidades, o Padre Fernando soube impor-se ao respeito e à consideração de todos.

Sem atenção por respetos humanos, Homem dantes quebrar que torcer, o Rev. Fernando Porfírio, pelo carinho, pela dedicação e pelo exemplo com que se devotou à Sua Obra, ganhou a consideração, a estima, o respeito e a admiração de todo o seu rebanho.

Ao virtuoso sacerdote, desejamos muita saúde e longos anos de vida.

Casamento

Na igreja paróquia da vizinha freguesia de Moreira de Cónegos, consorciaram-se no sábado, dia 4, o nosso prezado amigo Sr. António de Abreu (Brigadeiro), filho do Sr. José de Abreu e da Sr.^a Virgínia de Abreu, com a Sr.^a Elvira de Oliveira Pedrosa, filha do Sr. Albino Pedrosa e da Sr.^a Joaquina Gomes de Oliveira, tendo testemunhado o acto a Sr.^a D. Maria Rosa Dias e o Sr. Manuel de Abreu.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Carteira do leitor

Esteve nesta freguesia, de visita a seus pais, tendo celebrado uma Missa pelo povo de Guardizela, o nosso bom amigo e caro conterrâneo, Rev. Padre Cândido da Conceição Rocha, capelão da Misericórdia de Fafe.

— *Faz anos* — Na segunda-feira, o nosso estimado amigo Sr. David da Cunha.

— *Fazem anos* — Na sexta-feira, a gentil menina Irene Queirós e o nosso querido amigo Sr. Florêncio da Costa Carneiro.

A todos os nossos parabéns. — C.

(Continua na 6.ª página)

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

VERDADES E FANTASIAS SOBRE A CALVÍCIE

A maioria das crenças existentes acerca do cabelo e de como conservá-lo não se têm confirmado por experiências no laboratório nem pela investigação empreendida por especialistas. Assim, por exemplo, o mito de que a exposição à luz solar faz crescer o cabelo foi desfeito numa série de experiências realizadas pelos Drs. Danforth e Mildred Trotter, na Faculdade de Medicina de Washington.

No fim da Primavera, foram examinados ao microscópio e contados os cabelos e os pêlos das pernas de doze raparigas, que passaram depois o Verão expostas ao sol. No Outono, o microscópio mostrou que a exposição prolongada ao sol não tinha tido qualquer efeito sobre o crescimento, número ou textura dos cabelos ou pêlos.

Aqueles mesmos investigadores demonstraram igualmente ser falsa a teoria de que cortar o cabelo muito rente ou escanhoar a barba faz crescer o cabelo e os pêlos mais rapidamente e mais abundantemente. É uma crença que leva as mulheres a utilizarem depilatórios químicos por vezes prejudiciais, e os homens a evitarem rapar a penugem das maçãs do rosto!

Outra crença corrente, posta a circular por muitos barbeiros, é que o queimar as pontas do cabelo «fecha» essas pontas e evita a saída do seu «fluido vital». Ora a verdade é que o cabelo tem tanta seiva como os pêlos duma vassoura! A utilização de chapéus apertados não produz necessariamente a calvície. Também são falsas as teorias de que se deverá lavar a cabeça o menos possível «por a humidade ser prejudicial»; de que a massagem solta o cabelo; e de que a massagem com ventosas o fortalece. Dermatologistas eminentes, que dedicaram a vida ao estudo da cabeça humana, lamentam o dinheiro mal gasto anualmente em tónicos capilares, remédios para a calvície e tratamentos dispendiosos «para fazer crescer o cabelo».

A contagem dos cabelos na cabeça humana, efectuada pelo Doutor Hans Friedenthal e aceite como aproximadamente exacta, é de 88.000 nos indivíduos ruivos, 102.000 nos morenos, e 104.000 nos loiros. Normalmente cada um destes cabelos tem uma vida de seis meses a quatro anos, após a qual cai e é substituído por um novo. Deste modo, uma queda de cabelo moderada não é motivo para alarme.

O cabelo deve a sua cor a grânulos de pigmento existentes nas células do próprio cilindro. Normalmente ao envelhecermos, ou prematuramente em muitos casos, este fornecimento natural de pigmento poderá diminuir e o cabelo começar a embranquecer. As arrelias e a tensão nervosa poderão igualmente contribuir para isto, mas não há caso algum confirmado de cabelo que tenha «embranquecido

de um dia para o outro» devido a choque ou susto.

Uma vez que o cabelo perde a cor, não existe qualquer meio conhecido da Ciência para a restaurar. Os médicos dizem que a melhor coisa a fazer, a respeito do cabelo branco, é gabá-lo!

Os dermatologistas ainda não conhecem todos os factores relacionados com o crescimento do cabelo mas isto não é razão para nos agarrarmos à superstição. Assim, aconselham-nos a poupar tempo, cabelo e dinheiro aprendendo algumas regras simples.

Tome cuidado com a caspa, que pode contribuir para a calvície. As pequenas escamas que, ocasionalmente, apareçam no cabelo, são fragmentos de pele morta que se soltam naturalmente, mas as escamas de aspecto desagradável a que popularmente se chama caspa, significam que o coiro cabeludo está atacado por bactérias. Normalmente, consegue-se debelar a caspa por meio de lavagens com tintura de sabão verde. Evite re-



médios e «shampoos» contra a caspa. Se a caspa persiste, consulte um médico — e não experimente curas recomendadas pelo barbeiro ou pelos amigos.

Mantenha o cabelo limpo por meio de lavagens com sabonete puro e água. Os «shampoos» preparados são, na melhor das hipóteses, nada mais do que isto, e na pior poderão conter bórax ou alcalis, ambos irritantes para o coiro cabeludo. Passar bem o cabelo por água e, no possível, secá-lo ao sol. Depois de um banho de mar, lavar o cabelo com água doce para tirar o sal e a areia, e em seguida enxugar com uma toalha. O hábito masculino de molhar o cabelo para o pentear é considerado por alguns, como possível factor que contribui para a calvície.

Uma escovadela enérgica, todos os dias, estimula as glândulas sebáceas, o que dá um aspecto lustroso ao cabelo, distribuindo entre ele o óleo natural do coiro cabeludo. Se, após uma lavagem, o cabelo estiver seco e difícil de se pentear, pode esfregar-se com um pouco de vaselina, azeite ou óleo de amêndoas doces.

A massagem é excelente se for efectuada correctamente. Não esfregue o coiro cabeludo com muita força pois assim arranca o cabelo. Carregue os dedos, firmemente, contra o coiro cabeludo, e mova-os sobre o crânio, estimulando assim não só o coiro cabeludo como o tecido gordo que separa o coiro cabeludo do crânio.

Existem dois tipos completamente distintos de calvície. Um deles resulta de certas doenças e, quando se cura a doença, o cabelo frequentemente torna a crescer tão misteriosamente como caiu. Fundam-se nestes casos as afirmações de êxitos dos remédios contra a calvície; o cabelo teria voltado mesmo que não tivesse sido aplicado qualquer remédio.

O outro tipo, calvície «comum», constitui ainda um enigma profundo. Os dermatologistas crêem que, embora muito se possa fazer para evitá-la, não há cura possível uma vez que o cabelo desapareceu.

Hoje conhece-se o suficiente sobre o cabelo humano para os dermatologistas poderem dizer que, se as pessoas prestassem mais atenção às regras elementares da higiene do coiro cabeludo, e menos às superstições populares, remédios e tónicos, conservariam por mais tempo o seu cabelo. O conselho mais seguro é: «Cuide do seu cabelo enquanto o tem — e esqueça-se dele quando o perder».



SERVINDO A LAVOURA

Indicações sobre adubação dos cereais de praga

pelo Eng.º Agrónomo MANUEL VIANA E SILVA, da Estação Agronómica Nacional

(Transcrito do Boletim Agrícola, publicação mensal da Shell Portuguesa).

Todas as plantas retiram do meio em que vivem quantidades apreciáveis de elementos minerais de que os mais importantes são o azoto, o fósforo e o potássio.

Claro que nem todas têm as mesmas exigências nutritivas, sendo tal facto um dos motivos por que há necessidade de se estudarem fórmulas de adubação que se ajustem às necessidades das diferentes culturas.

O trigo, o centeio, a cevada, a aveia, o milho e a batata, para não falarmos já de tantas outras plantas imprescindíveis na alimentação do homem e dos animais, apresentam exigências nutritivas muito diferentes.

Novos «records» estabelecidos pela Indústria do Petróleo

A indústria petrolífera do mundo ocidental continuou a estabelecer novos records em 1956 apesar da crise do Suez. Numa análise da indústria petrolífera, realizada pelo Chase Manhattan, de Nova Iorque, regista-se que as necessidades de produtos petrolíferos no mundo ocidental se elevaram a 15,6 milhões de barris diários — um acréscimo de quase 7 1/2 % em relação a 1955.

As reservas de petróleo em bruto do mundo ocidental tinham atingido, antes do fim de 1956, o mais alto nível da história do petróleo com um total de 200 milhões de barris, dividido da seguinte maneira:

Médio Oriente 70 %, Estados Unidos 15 %, Venezuela 7 % e os demais países 8 %.



Um pormenor pouco dispendioso e bastante prático pode tornar um «sweater» mais gracioso. Basta uma pequena tira de qualquer tecido, que se cose à volta do decote, aplicando-a de várias maneiras, duas das quais mostramos na gravura

Para se fazer uma ideia do que dizemos, referem-se no quadro seguinte as quantidades totais de azoto, fósforo e potássio, extraídas ao solo por essas culturas, por hectare e por ano, para satisfazerem determinadas produções médias que também se mencionam.

A estas percentagens de elementos, perdidas pelo solo todos os anos em benefício das culturas, vêm ainda juntar-se outras perdas, como as que se verificam por insolubilizações, por arrastamento para as camadas mais profundas, fora do alcance das raízes das plantas, por acção da erosão, pela concorrência de ervas daninhas, etc.

É evidente que, por mais rica e fértil que seja uma terra, se não lhe restituirmos todos os anos os elementos nutritivos que ela perde, em pouco tempo se encontrará empobrecida e naturalmente mais depauperada naqueles nutrientes que em maior percentagem são assimilados pelas plantas cultivadas.

A utilização racional dos adubos é a forma mais prática, rápida e económica de enriquecer o solo esgotado por sucessivas culturas e de aumentar assim a sua capacidade produtiva. Os seus efeitos são ainda mais expressivos quando se lhes podem associar os benefícios dos estrumes.

Condicionado pela natureza do solo, pelas condições climáticas, pelas diferentes culturas e seu valor económico, etc. O emprego de adubos tem permitido obter colheitas notáveis, mesmo em terras consideradas pobres, contribuindo assim numa forma decisiva para o equilíbrio mundial da alimentação humana.

Sem adubos há muito que o espectro terrível da fome pairaria sobre o mundo inteiro.

As fórmulas de adubação que vamos aconselhar destinam-se a solos de fertilidade média, normalmente constituídos e com valores e pH favoráveis às culturas indicadas. Em bons terrenos devem empregar-se as maiores doses apontadas; pelo contrário em terras fracas devem aplicar-se as menores.

Para maior clareza, referir-nos-emos, nestas fórmulas, aos adubos mais conhecidos e de maior vulgarização no nosso País, o que não quer dizer que em determinadas circunstâncias não possam ser substituídos por outros com maiores vantagens.

Assim, por exemplo, sempre que o pH do solo se traduza por excessiva acidez, desfavorável à vida das plantas e consequentemente à obtenção de boas colheitas, deve proceder-se à sua correcção pelo emprego de calagens moderadas e fazer-se uso de adubos alcalinizantes como a cianamida cálcica, o fosfato «Thomas», os nitroamoniacos com cal (ex. o Nitrocalciamou), o nitrato de cálcio, etc.

O trigo é um dos cereais mais exigentes em princípios nutritivos. As suas necessidades alimentares são maiores na fase que vai do afilamento à floração e, por isso, este cereal deve encontrar, no período primaveril, sob uma forma assimilável a maior parte dos adubos. Esta condição é satisfeita pela seguinte fórmula:

Adubação de fundo (antes da sementeira):

Sulfato de Amónio, 100 a 250 kg/ha; Superfosfato 18 %, 300 a 450; Cloreto ou Sulfato de Potássio, 100 a 150.

Adubação de cobertura (no Inverno):

Nitrato de Cálcio, Nitrocalciamou, ou qualquer outro nitrocoamonical, 150 kg/ha.

Quer o nitrato de cálcio quer os nitrato-amoniacos deverão ser aplicados por duas vezes, conforme as necessidades da seara, até à quantidade total referida; em geral a sua distribuição faz-se no princípio de Fevereiro e no princípio de Março.

Quando a cultura do trigo se segue à de uma leguminosa é de toda a conveniência reduzir as doses de azoto na adubação de fundo e aumentar as de fósforo.

Nas culturas do centeio, da aveia e da cevada pode empregar-se o mesmo tipo de adubação variando, é claro, as quantidades de adubo de acordo com as exigências da cultura que se pretende realizar e seu valor económico.

UM LUBRIFICANTE QUE RESISTE AS RADIAÇÕES ATÓMICAS

Os laboratórios da Shell em Martinez, Califórnia, conseguiram preparar uma massa lubrificante que resiste às radiações atómicas e se encontra já à venda.

A fim de se poder verificar o grau de resistência dessa nova massa lubrificante, que se destina a ser empregada nos maquinismos de geradores nucleares, foi a mesma bombeada, no Centro de Pesquisas daquela Organização em Emeryville, Califórnia, por uma das mais poderosas fontes radioactivas — o acelerador electrónico Van de Graaf que possui uma potência de três milhões de volts. Os resultados foram ligeiramente coroados de êxito.

Doze anos de intensa pesquisa petrolífera sem qualquer resultado

Cerca de 95.000 kms de terreno cedido para pesquisas petrolíferas, a efectuar principalmente no interior de Sarawak, foram devolvidos ao seu proprietário, o Sultão da ilha, por se ter concluído não existir ali petróleo algum.

A Sarawak Oilfields, Ltd., que é associada do Grupo Royal Dutch/Shell, dispendeu desde o fim da última guerra perto de 720 mil contos em prospecções no Sarawak. Um total de dezasseis poços foram já perfurados, alguns dos quais em localidades longínquas, todos inutilmente, com excepção dos perfurados em Suai, perto da costa, onde foram encontradas insignificantes quantidades de petróleo e gás.

Aquela Companhia terá ainda sob concessão 28.000 kms², principalmente na costa, onde continuarão as pesquisas petrolíferas. Seguindo o desenvolvimento técnico dos últimos anos, está também a proceder-se a pesquisas petrolíferas submarinas, em extensas áreas inexploradas. Entre 1954 e 1956, a Sarawak Oilfields, Ltd. participou num levantamento submarino das áreas de Sarawak, Brunei e Bornéu do Norte. Os resultados deste levantamento pareciam garantir o êxito de novas perfurações em várias zonas das águas de Sarawak. Os dois primeiros poços foram abertos pela Sarawak Oilfields de uma plataforma móvel de pesquisa submarina em Siwa, a cerca de 13 kms da costa, tendo a Shell de Brunei aberto um poço de uma plataforma semelhante em Ampa Patches, a 40 kms da costa. Embora destes poços nada resultasse, a intenção daquelas Companhias é continuar com as explorações submarinas, tendo já decidido alugar uma plataforma móvel para tal fim.

ANEDOTAS

História de loucos

Um louco diz para outro:

— Não percebo nada. Olha para o meu relógio, marca meio-dia menos um quarto e já é noite.

— Não te apoquentes, responde o outro, está adiantado doze horas...

História de credores

Um cidadão, coberto de dívidas, decide, para fugir aos credores, refugiarse num hotel. Mais confiante, coloca os sapatos diante da porta para que os engraxem. De repente batem à porta e uma voz, furiosa, diz:

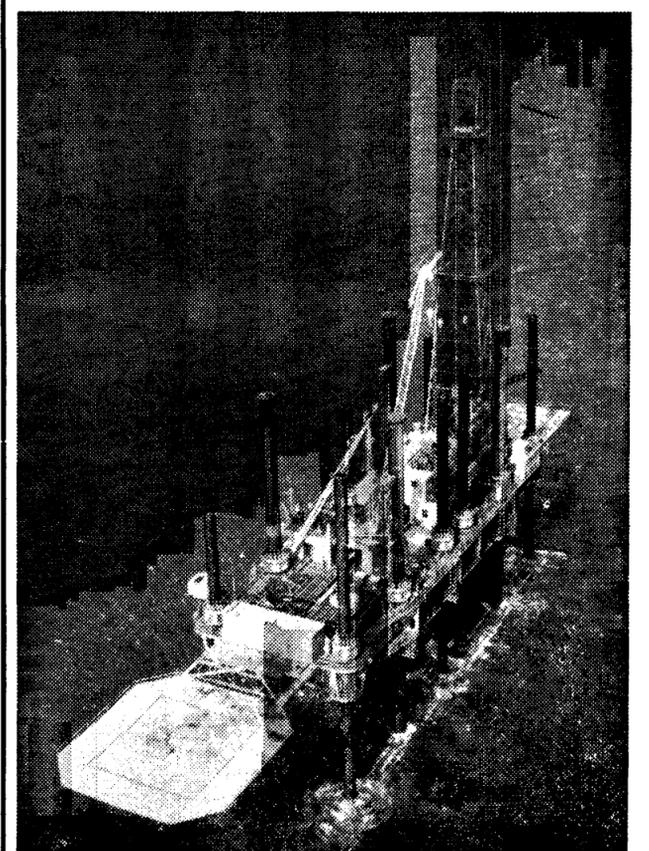
— Abra, é inútil esconder-se. Sei que está aí!

Como não surge qualquer resposta o outro insiste:

— Vamos, apareça, pois você tem aqui os sapatos!

Ouve-se, finalmente uma voz tímida:

— Não admira, sei em pantufas!



A perfuração submarina é realizada com o auxílio de plataformas como a que se vê na gravura, a qual custou noventa mil contos

Câmara Municipal de Guimarães

Reunião de 26 de Dezembro de 1957

A Câmara, sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

— Celebrar contrato, pela quantia de 44.500\$00, com Osório & Coelho, Ltd., de Famalicão, para a obra de construção do «Reservatório dos Bons Ares»;

— Fazer contrato de arrendamento com Joaquim Ribeiro da Silva, de Airão, São João, pela renda mensal de 200\$00 do seu prédio que possui naquela freguesia, para funcionamento dum posto escolar;

— Tomar conhecimento do officio da Junta de Freguesia de Prazins, Santo Tirso, em que informava ter aquela Junta deliberado manifestar ao Ex.º Presidente e a toda a Ex.ª Câmara o seu profundo reconhecimento pelas atenções que vêm sendo dispensadas àquele corpo administrativo;

— Conceder um subsídio ao Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos;

— Estabelecer negociações com a Empresa de Produções Cinematográficas César Guerra Leal, do Porto, para a realização dum filme cultural sobre Guimarães;

— Tomar conhecimento do agradecimento manifestado pelo Centro

de Recreio Popular de Guimarães, pela concessão dum subsídio;

— Informar o solicitado pela Federação de Caixas de Previdência «Habitações Económicas» em que pedem esclarecimentos sobre as rendas e tipo de construção dum bairro na área do novo Liceu, esclarecendo que o tipo de casas quanto a pisos consta do plano superiormente aprovado;

— A Câmara deliberou conceder as seguintes licenças para obras: a Abílio Pimenta Moreira Gomes, Tenente Ernesto Moreira dos Santos, Januário dos Santos Almeida, António Heitor Chaves Vilas Boas, José da Silva, Maria Amélia Dias de Carvalho, Abílio Alfredo Almeida Carneiro, Casimiro Gonçalves Ribeiro;

— A Câmara deliberou sancionar os despachos do Ex.º Presidente, que concederam licenças para obras: a António Martins Ribeiro da Silva, Asdrubal José Pinto, José da Costa Santos Vaz Vieira, António da Silva Xavier, José Salgado Ribeiro de Freitas, Bernardino Leite e Francisco Pereira.

— Adjudicar a Sebastião de Freitas, pela quantia de 14.800\$00 a «Pavimentação dos Passeios da Rua António Barros, da Vila das Taipas».

Reunião de 31 de Dezembro de 1957

A Câmara, sob a presidência do Senhor Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

Aprovar as palavras que o mesmo Ex.º Presidente ditou para a acta e que são as seguintes:

«Fizem hoje três anos de actividade camarária, depois que foi eleita a actual Vereação.

São três anos de canseiras e lutas, em prol do engrandecimento do nosso Concelho.

Fez-se o que foi possível fazer-se, com ânimo, com entusiasmo, com muita dedicação, com o maior sacrifício e com vontade de acertar.

E se mais se não fez foi por certas circunstâncias o não permitirem.

Se olharmos em redor sentimo-nos desvanecidos, pois levamos benefícios a muitas aldeias em edifícios escolares, em electrificações, em caminhos, fontes e lavadouros públicos.

Na nossa cidade desbrava-se com vontade férrea a sua nova fisionomia.

Será o Edifício da Caixa Geral, a Nova Zona da Central de Camionagem, o futuro Estádio e Parque da Cidade, o Edifício da Escola Industrial; para outro lado a futura Alameda, o Palácio da Justiça, a Praça de Mumadona, o futuro Liceu e a zona de novos arruamentos, o ambonado Parque do Castelo e dos Paços dos Duques de Bragança.

Mais distante a nova Rodovia e consequente urbanização dessa zona citadina, e o futuro Quartel para o nosso Regimento de Cavalaria 6.

E também o Curso completo dos Liceus, com o 6.º e 7.º anos.

Demos assistência a todos os necessitados que a solicitaram e promovemos comemorações patrióticas, festivas de arte e desportivos que honraram a nossa cidade.

E certo que alguns dos empreendimentos se devem ao Estado.

Mas V. Ex.ª sabem o esforço e a dedicação com que o Município tem pugnado por estas realizações com a colaboração de pessoas amigas e dedicadas.

E mais que pugnado, tem vindo a provocar o seu início, o arranço difícil e muito ansioso, insistindo e lutando para que a nossa cidade seja, no futuro, bem digna do seu passado.

Esta faceta do nosso trabalho a que mais canseiras acarreta, numa expectativa e alerta permanentes, para que as oportunidades se não percam.

Confesso que me sinto satisfeito com o trabalho desenvolvido, neste espírito de camaradagem e compreensão a que nos habituamos desde início.

Mas, desejamos todos ainda mais. Já Salazar afirmou ser um descontente, e, certamente, será pelas hierarquias dos cargos e responsabilidades, o primeiro descontente.

Não me fica mal, se disser também que me não sinto totalmente contente por não termos realizado,

em prazo rápido, a transformação do nosso concelho e da nossa cidade. A obra encetada de engrandecimento da cidade e do concelho é grandiosa e é-nos muito querida.

Não nos falta força de vontade, não nos falta espírito de coesão e não nos faltará a ajuda do Governo, e por isso a continuaremos com firmeza, e com a certeza de a vermos realizada ainda em nossos dias.

Para já, quero afirmar-lhes o meu agradecimento sincero pelos sacrificios feitos, sacrificios que só são compensados pela certeza do Dever cumprido.

E como finda hoje o terceiro ano de actividade desta Vereação e se vai iniciar o último ano do seu mandato legal, vão para V. Ex.ª, Senhor Vice-Presidente, Senhores Vereadores, Chefes dos Serviços de Secretaria, Repartição de Obras e Municipalizados e a todos os funcionários municipais, além dos meus agradecimentos pela colaboração prestada, os meus votos muito sinceros de um Novo Ano feliz e próspero, tão próspero e feliz como o desejo para mim e para os meus.

— Tomar conhecimento do despacho de Sua Ex.ª o Ministro das Obras Públicas de 20 do corrente mês, exarado em officio da Presidência do Concelho, que foi remetido à Imprensa Nacional, para publicação no Diário do Governo, o Decreto que autoriza a Câmara a participar na obra do Quartel de Cavalaria, a construir nesta cidade, mediante aquisição e cedência dos terrenos que se tornam necessários.

— Autorizar o pagamento a Sebastião de Freitas, da importância de 1.540\$00 deduzida de 10 % para depósito de garantia, pela reparação e beneficiação das sentinas públicas da cidade.

— Aprovar a estiva camarária que há-de vigorar no ano de 1958.

— Aprovar o orçamento ordinário dos Serviços Municipalizados de Água para 1958.

— Aprovar, em definitivo, o orçamento ordinário deste Município para 1958.

— Em virtude de não ter ficado exarado na escritura hoje celebrada da compra dos terrenos à Ex.ª Sr.ª D. Maria de Lurdes Peixoto Sampaio de Bourbon, a obrigação, por parte da Câmara, da vedação daqueles terrenos, a Câmara deliberou assumir a obrigação, de, por conta própria, mandar proceder à vedação dos terrenos adquiridos, e mandar proceder, também por conta própria, à vedação, por meio de muros dos terrenos depois de feito o talhamento, o que só será possível após a aquisição da casa de habitação que aquela Senhora prometeu vender à Câmara.

— Fixar o dia das suas sessões às quartas-feiras, pelas 17 horas.

— Certificar, para efeitos de Assistência Judiciária, que Aureliano Mendes Pereira e sua mulher Olinda da Silva, são pobres.

— Tomar conhecimento da Portaria que concede a esta Câmara um subsídio de 50.000\$00 para realização da obra de construção de um bairro para famílias pobres, em Urgeszes;

— Conceder um subsídio à Junta de Freguesia de Gominhães destinado à aquisição de um acréscimo de terreno para construção dum edificio escolar naquela localidade;

— Conceder licenças para obras a Joaquim de Oliveira, Herdeiros de D. Rita de Moura Machado e João Saavedra;

— Sancionar os despachos do Excelentíssimo Presidente que concederam licenças para obras a Jerónimo Machado, Miguel Machado, José de Carvalho e Agostinho da Silva Areias;

Do Concelho

(Continuação da 4.ª página)

Pevidém

Contribuições

Sobre as contribuições para o ano em curso, quase todos se queixaram pelo agravamento das mesmas numa ocasião que poderemos considerar de verdadeira crise, pelo menos no nosso meio.

Não quero de maneira alguma ir contra a comissão de avaliação, constituída por pessoas de consideração, mas a altura é de facto má para que esse agravamento se justifique.

A minha maneira de sentir, já por outros como eu foi tornada pública em alguns jornais doutras localidades e num dos quais me chamavam a atenção o seguinte:

«Li no Primeiro de Janeiro, de 11 de Dezembro, que a Câmara Corporativa sugeriu que o art. 8.º da Lei de Meios passasse a ter esta redacção:

«Art. 8.º — Durante o ano de 1958 não poderão ser criadas novas taxas e outras contribuições especiais não escrituradas em receita geral do Estado, a cobrar pelos serviços do Estado e pelos organismos corporativos e de coordenação económica, nem agravadas as existentes, sem expressa concordância do Ministro das Finanças».

Se a interpretação deste artigo for como julgo, entendo que se deveria cumprir o que está nele determinado e para tal deixar ficar como estavam todas as contribuições, tanto mais que no mesmo artigo (artigo do jornal, não artigo do decreto) mais abaixo dizia:

«Quando apresentou as contas da gerência do ano anterior, o Senhor Ministro das Finanças afirmou que se haviam arrecadado mais uns centos de milhares de contos, do que havia sido orçamentado, acrescentando, sem haver aumento de impostos».

Vê-se, pois, que nas altas esferas não se pretende aumentar os impostos. Sendo assim, porque não adiar estes aumentos de contribuições?».

Sim, o articulista do jornal O Comércio da Póvoa de Varzim, tem muita razão e creio que todos nós, pelo menos aqueles que vimos as nossas contribuições aumentadas, algumas das quais em cem por cento, pensamos da mesma forma.

Como acima já disse, a altura para agravamento de contribuições é das piores, e para tal bastaria que os funcionários encarregados das respectivas avaliações se dessem ao trabalho de virem verificar in loco.

Iluminação pública

No passado, dia 6 do corrente, com a ilustre presença do Sr. Presidente da Câmara e com uma cerimónia muito familiar, inaugurou-se a iluminação do Jardim Francisco Inácio da Cunha Guimarães e do adro da igreja paroquial.

Apesar de ser de quase todos desconhecida a realização de tal cerimónia, juntaram-se ao acto algumas centenas de pessoas que duma maneira simpática souberam tributar ao Ilustre visitante o seu agradecimento pelo que vem realizando em prol desta terra.

Daqui, do meu cantinho ignorado, e pelo afecto que sinto por esta terra que já estimo como se minha fosse, embora ainda seja mal compreendido por muitos, peço ao Il.º Sr. Presidente da Câmara que continue a olhar por esta terra que tanto e tanto tem ainda para ser realizado e muitas dessas faltas de necessidade verdadeiramente urgente.

Pevidém, pelo muito que contribui para o Estado, tem direito a ser olhada com mais atenção e que as realizações que estão em estudo passem a ser uma breve realidade.

Água, bombeiros, posto da guarda, iluminação dos caminhos públicos e arranjo dos mesmos, não podem esperar muito tempo.

Sabedor do dinamismo e qualidades pessoais do Ilustre Presidente da

— Conceder alvará de licenciamento sanitário para abertura de uma taberna na Rua de Arcela a Francisco Mendes;

— Enviar ao Subdelegado de Saúde, para efeitos de ser efectuada a competente vistoria, os processos de licenciamento sanitário em que são requerentes Maria de Oliveira Sousa, Martins, Abílio Moreira Gonçalves, Luís Ribeiro, Sebastião da Silva e José Ferreira, para abertura de tabernas, respectivamente, nas Ruas Francisco Agra e Camões, desta cidade, nos lugares de Paço e Boucinha, da freguesia de Ponte, e no lugar de Vela, da freguesia de Moreira de Cónegos;

— Ordenar a vistoria a uma fossa existente no prédio sito na Rua de S. Dámaso, desta cidade, com os n.ºs 65 a 69 de polícia, designando como peritos os Engenheiros Senhores José Maria Gomes Alves e Helder Raul de Lemos Rocha e o Senhor Subdelegado de Saúde.

Câmara, confio em que Sua Ex.ª, por certo, irá dar-nos a alegria e satisfação de vermos os nossos anseios realizados.

Reclamo luminoso

Pevidém, ou antes, os comerciantes de Pevidém, na ânsia de concorrerem para o embelezamento da sua terra vêm demonstrando que as suas queixas por si não servem de estorvo ao que pensam em realizar em prol da sua terra.

O primeiro reclamo apareceu e estou certo que outros irão aparecer para dar mais vida a esta terra que até à presente data tem vivido numa monotonia entristecedora.

Comerciantes de Pevidém, mãos à obra e demonstrem que, apesar de sacrificios, temos a par do nosso lucro o nome desta terra que ainda há-de orgulhar os seus filhos e demonstrar aos que a visitam que tem o direito de não ser esquecida.

Gazcilla

A Cidla nunca esquece e está sempre pronta a concorrer para o engrandecimento e embelezamento das terras.

Foi esta organização a primeira a dar a Pevidém um reclamo luminoso. Preferir a Cidla e os produtos SACOR, é concorrer para o engrandecimento da sua terra. Visite o Stand de Horácio Guimarães e aí será servido sem precisar de se deslocar da sua terra. — C.

Campelos

Dia de Reis

Como vem sucedendo nos anos anteriores, o dia de Reis na nossa terra é particularmente alegre e feliz. Numerosos grupos de rapazes com «ferrinhos» e «reque-reques» andam de porta em porta a cantar os Reis, levando as Boas-Festas aos habitantes de cada casa, ao mesmo tempo que — talvez sem dar por

tal, — prestam culto à Sagrada Família de Nazaré e dão público testemunho da Divindade feita Homem, personificada nessa figura histórica, real e sempre presente do Meuino-Jesus, que se dignou vir ao mundo para redimir a Humanidade. Nem a chuva impertinente e miudinha, que nessa santa noite caía, fez com que este tradicional costume perdesse o seu brilho singular. Ao perto e ao longe lá se ouvia o tintar dos «ferrinhos» acompanhando variadas vozes de coros geralmente improvisados. Melhor ou pior, o sentido é sempre o mesmo: cantar os Reis à porta de toda a boa gente do lugar, para ameahar uns tostões e saborear uns deliciosos figos, que o patrão da casa oferece com muito gosto. É a petizada, espera impaciente estas «Reisadas» e dá largas à sua alegria, por cada qual ser distinguido, com uma «despedida» ao seu agrado.

É, pois, tudo isto alegria esfuizante, duma noite ao lento, onde está bem vivo nestas tradicionais «Reisadas» o mais puro folclore nacional.

De quem é a culpa?

Já não é a primeira vez que o Notícias de Guimarães chega atrasado a esta localidade, como aconteceu no passado domingo, dia em que habitualmente todos o procuram.

Sabemos que os jornais são deitados no correio a tempo e horas de cá chegarem infalivelmente aos domingos da parte da manhã e por isso não vemos razão para que cá cheguem tardiamente, o que causa muito aborrecimento aos assinantes.

A favor das criancinhas

Está sendo distribuído gradualmente pelo nosso Rev.º Paróco, o leite da «Caritas» às crianças necessitadas e doentes da nossa freguesia. Bem hajam.

O nosso correio

Sr. Júlio Pairo — Campelos — Registamos com agrado as palavras amigas, que amavelmente nos enviou. Muito obrigado por tudo e disponha sempre. Cumprimentos.

Professor José Teixeira de Maria

Foi submetido a uma intervenção cirúrgica de urgência no passado dia 8, no Hospital de Guimarães,

EDITAL

IMPOSTO DE TRABALHO

DR. JOSÉ MARIA PEREIRA DE CASTRO FERREIRA,
Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães:

Faz saber que, nos termos do disposto no parágrafo 4.º do Artigo 707.º do Código Administrativo, se acha patente, na Secretaria desta Câmara Municipal, durante o prazo de 8 dias, com início em 8 de Janeiro, o mapa do lançamento do Imposto de Trabalho, para os contribuintes o poderem examinar.

Para conhecimento geral, se publica o presente e idênticos, que vão ser afixados nos lugares do costume.

E eu, Gaspar Gomes Alves, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal o subcrevi.

Paços do Concelho, 8 de Janeiro de 1958.

O Presidente,

José Maria Pereira de Castro Ferreira. (19)

onde ficou internado em quarto particular, o Sr. José Teixeira de Maria, professor aposentado e proprietário muito estimado na freguesia de Brito e arredores. Desejamos o seu rápido e completo restabelecimento.

A Festa de Confraternização dos VIAJANTES E PRACISTAS DE GUIMARÃES DECORREU COM MUITO ENTUSIASMO

Realizou-se, como é de tradição, no pretérito dia 4, em ambiente de comunicativa alegria, o jantar de confraternização da classe dos Viajantes e Pracistas do concelho de Guimarães, a que também assistiram os gerentes de algumas das mais categorizadas empresas industriais e comerciais.

Presidiu ao repasto o Sr. A. L. de Carvalho, que vem ocupando aquele lugar desde que a festa começou, já lá vão alguns anos. Rodeando-o, na mesa de honra, viam-se os Srs.: Comendador Alberto Pimenta Machado,

Na altura própria usou da palavra para falar em nome da Comissão Promotora, dirigindo saudações aos colegas ali presentes e bem assim aos convidados de honra, o Sr. Amadeu Guimarães, seguindo-se-lhe, na série dos brindes, os Srs. Manuel de Castro Ferreira, Presidente do Sindicato N. dos Caixeiros; Dr. Jorge da Costa Antunes, António José Pereira Rodrigues, Armando Ferreira da Cunha, António Luis Teixeira e A. L. de Carvalho, tendo este último orador feito uma referência especial à Casa Alberto Pimenta



Joaquim de Sousa Oliveira, António José Pereira Rodrigues, Antero H. da Silva, Manuel de Castro Ferreira, presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros; Dr. Jorge da Costa Antunes, José Rodrigues Guimarães, João da Silva Antunes, comerciante em Lourenço Marques mas que acidentalmente se encontra nesta cidade de onde é natural; Eng.º Alberto Costa, Albano M. Coelho de Lima, António Alberto Pimenta Machado, Alberto Pimenta Machado Júnior, José Machado Vaz, António da Silva, etc.

Em outras e longas mesas sentavam-se cerca de 200 convivas, alguns deles vindos de longe, para confraternizarem naquela memorável festa.

O recinto ostentava uma vistosa decoração e um excelente quarteto, que logo de início executou o Hino da Cidade, fez-se ouvir durante o jantar.

Machado & Filhos, ali largamente representada, o que deu motivo a que tivesse usado da palavra o Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, a quem os assistentes dispensaram carinhosa ovação.

Falou ainda o Sr. Joaquim de Sousa Oliveira que evocou a figura de António Emílio da Costa Ribeiro, pedindo uns momentos de silêncio em sua memória.

Foi depois nomeada a Comissão que há-de levar a efeito a festa do próximo ano, constituída pelos Srs. António Vieira Leitão, António Augusto Xavier e José Luis Fernandes, o que mereceu a aprovação de todos os presentes.

Após o jantar foi feita no recinto a exibição dos «Reis dos Caixeiros», prolongando-se a interessante confraternização de empregados e patrões por mais algum tempo.

A Morte de Eduardo de Almeida

Duas Linhas

Continuação da 1.ª página

leira lhe permitia acumular. A sua paixão baírrista havia de fazê-lo reservar os seus últimos desvelos de estudioso para a história da sua terra. *Peregrinação pelo Termo de Guimarães* foi a derradeira e monumental homenagem que o seu grande coração e a sua lúcida ternura localista quiseram prestar-lhe.

Fui dos primeiros a ser apresentado com ela, como ainda em carta de 28 de Dezembro, Eduardo de Almeida carinhosamente me lembrava, já por pena de terceiro, que a sua trémula assinatura mal pôde encerrar.

E que lápide generosíssima e consagradora ele deixou nas palavras de oferta que inscreveu na sua primeira página!

Não preciso de dizer que a morte de Eduardo de Almeida privou a cidade e o concelho de Guimarães dum dos seus maiores, pela inteligência, pela cultura e pela bondade. E que essa privação pode, sem exagero, ampliar-se ao Minho que ele adorou e ao país que ele serviu, sempre devotada e irrestritamente.

Por mim perdi um bom amigo que deixou vazios o meu coração e a minha admiração, esta cada dia sentindo mais a pena de ver reduzidos os motivos da sua compensadora sobrevivência.

11 Lisboa, 7 de Janeiro.

NUNO SIMÕES.

Uma perda irreparável

Ficaria de consciência insatisfeita, se não me fosse dado ensejo a um desabafo de alma dolorida, ante a infesta realidade da perda do Amigo que todos, sem excepção, pranteamos: — o *Dr. Eduardo de Almeida*.

Esponaneamente me foi facultado este grito. Agradeço. Datam de há bastantes anos as minhas relações com o Saudoso Extinto.

E, porque notei no Mestre Querido, e dentro dos meus humildes méritos literários, uma certa admiração e interesse pelas minhas produções, eu tive ensejo de consultar o seu vasto saber, colhendo opiniões e conselhos.

Mais do que exaltar o seu inconfundível vulto intelectual de erudito, sob vários aspectos, o maior destes últimos 100 anos, as minhas palavras serão um preito de admiração, a homenagem saudosa ao amigo querido, um dever de gratidão.

A obra do Saudoso Morto, está acima de todo e qualquer louvor, na Terra de Guimarães, através do seu carácter fidalgo, o seu coração bondoso, a sua alma diamantina.

Que Deus o tenha na Paz da Eternidade!

MENDES SIMÕES.

Morreu o Dr. Eduardo!

Continuação da 2.ª página

po da cultura literária e nos domínios da investigação. Como profissional na Advocacia, conquistou os melhores louvores e as melhores simpatias, honrando e dignificando a Cátedra e respeitando a Toga que envergava.

Como Amigo, modelavam-se na sua pessoa as imagens da verdadeira amizade e da verdadeira sinceridade e nunca o seu coração deixou de se abrir para dar guarida aos amigos considerados como tais, viessem donde viessem ou estivessem onde estivessem. Mas, perguntou eu a mim mesmo: — Esta retratada nestas breves palavras a personalidade do saudoso Morto? Uma resposta afirmativa seria a maior afronta à sua memória. Por isso, pela parte que me diz respeito, apenas me limito a sentir a sua morte e a associar-me às últimas homenagens que o «Notícias» lhe prestar como demonstração da sua gratidão a tão devotado Amigo e tão prestigioso colaborador.

De resto, quem não terá sentido, no coração ou na própria alma, a dor pungente de ver extinguir-se a vida dum vimaranense que dignificava a sua terra e amava a sua Pátria?

M. MENESES.

Dr. Eduardo d'Almeida

Continuação da 1.ª página

inesquecível amigo, e companheiro de Coimbra — morreu sem ver publicado o *Cartolário de Muma-dona* — a grande ambição da sua vida!

Não é este o momento próprio para apreciação da sua obra. A pressa destas linhas, apenas consente pinceladas de esboço. Orador, jornalista, conferencista, ensaísta e escritor de prosa vernácula e castiça, em cada uma dessas modalidades sobressaiu com elegância.

Se o jornalista prendia, o conferencista deleitava e em todas as expressões do seu multiforme talento se estruturava o verdadeiro e completo Homem de Letras.

Preocupou-o e absorveu-o sempre o drama humano, vivido e sentido, com vista a uma mais perfeita solução dos problemas que afligem a sociedade dos nossos dias.

Poucos o descreveram com as tintas de um realismo tão vivo e palpante. No *Edectra*, lá está a insatisfação do escritor de sensibilidade apurada. Numa referência por mim feita a esse volume no jornal «O Comércio de Guimarães», disse eu:

«Esse livro, representando horas intensas de vida espiritual do seu Autor, é um libelo acusatório contra os defeitos da sociedade em que vivemos, através duma análise real, dolorosa e profunda, da complexa e delicada personalidade humana. É, como tal, uma obra de erudição e cultura, de verdadeira e da melhor Antologia, que só engrandece as Letras Nacionais».

Estão, na memória de todos, as duas últimas conferências que proferiu: uma, sobre o Abade de Tagilde, na Sociedade de Martins Sarmiento em 29-12-1953 e outra sobre *O Drama do Direito*, na Associação Jurídica de Braga, na noite de 18-12-1954.

Já antes, muito antes, na *Romagem dos Séculos* e noutras publicações, encontramos a forma lapidária do estudioso, de larga envergadura e inspiração.

Nos assuntos de investigação histórica, deparamos com o exumador consciencioso e probo.

Carinhosamente amou e serviu a sua terra.

A Sociedade de Martins Sarmiento dispensou durante anos, seja na direcção dessa prestigiosa Colectividade, seja nas páginas da sua excelente Revista, o brilho da sua inteligência e da sua cultura.

Perdeu Guimarães o seu mais alto e qualificado valor mental.

Na manhã, nevoenta e chuvosa de terça-feira, acompanhámo-lo ao alto da Atouguia. Ai o deixamos, em campa rasa, à sombra carinhosa dos ciprestes, sem poder jamais ver as doces claridades primaverais nem os suaves crepúsculos outonais, tanto da sua intimidade e predilecção.

Se o corpo aí ficou entregue ao triste destino da matéria, o seu Espírito viverá conosco, pela Beleza que soube criar e difundir à sua volta. Criou-a e difundiu-a a sua inteligência e o seu coração.

A inteligência, estruturando uma Obra de sensibilidade; o coração, ditando um exemplo, digno de ser seguido.

Resta que Guimarães saiba cumprir o seu dever — de gratidão e de justiça — para com a memória do Homem que foi superior pelo Talento e pela Bondade.

CARLOS SARAIVA.

NA SAUDADE do Mestre e Amigo

No madrugada cinzento e emagoadado do Dia-de-Reis, ainda mal se tinham apagado, pelas quebradas, os derradeiros e já matinais ecos dos cânticos ao Deus-Menino, se calou mansamente, — no Lar antigo a que a distante voz da sua amizade tanta vez me chamara, — brandamente se calou, em Saudade imperceptível, o coração do inolvidável Mestre e Amigo.

Pela vasta alameda de minhas saudades continuam a ressoar suas passadas amigas, e sinto, apertando a minha, sua bondosa e gelada mão, que me guiara no caminhar titubeante de um alvorecer literário, que eu tão mal soube aproveitar.

De encontro às magras tábuas do meu peito, batidas por rudes e prolongados invernos, volto a sentir o palpitar do seu carinhoso e perene afecto — pelo moço compositor tipográfico, este modesto cultor da Arte Negra, a qual bem cedo me abraçara, e depois tanto me enfeitou!...

SALVADOR DANTAS.

A ceifa continua...

Quando, após uma noite de torturante insónia, entrei na Tipografia, nessa plúmbea e triste manhã do Dia de Reis, deparei com o Antonino que, sem sequer me dar tempo ao trivial cumprimento, me desfechou, compungido, a trágica nova: — Morreu o Dr. Eduardo!

Após uns momentos de surpresa dolorosa e de vagas palavras de triste desabafo, fui para os meus afazeres, cogitando no que é a Vida — ou melhor, no que é a Morte...

Apagara-se um nobre Espírito — partira para sempre mais um Amigo inestimável. E lembrei, então, aqueles outros que a Morte, na sua inclemente ceifa, me arrebatou, em menos de um ano:

— o Dr. José Pinto Rodrigues, o Domingos Ribeiro, o P.º Domingos Costa e, agora, essa bondade personificada, que se chamou Dr. Eduardo de Almeida.

E senti-me, então, mais triste, mais só, mais desamparado!

Do Dr. Eduardo — esse gigante das Letras — a mais dolorosa, a mais compungente ferida que fica aberta no meu afecto, foi provocada pela perda da sua bondade sem limites. Sim, porque o Dr. Eduardo, além do mais e acima de tudo, era um Homem bondoso, compreensivo e grato — e isto sem alardes ou artificios.

Tenho inúmeras provas da sua amizade e da sua grande bondade. Em transes dolorosos da minha vida, não me faltou nunca a sua palavra confortadora, convincente, encorajante.

Quando, há poucos meses, acabou a confecção da sua *Peregrinação pelo Termo de Guimarães* — que tantas canseiras e trabalhos lhe acarretou — o Dr. Eduardo quis que eu e o Salvador Dantas apançassemos para, numa pequena tertúlia, comemorarmos o acontecimento.

Já então a sua vida trazia, visivelmente, a morte a acariciá-la. Mas apesar do seu latente sofrimento, conversou com boa disposição, dizendo-me, mais uma vez, do muito que devia aos tipógrafos — «a minha horrível caligrafia!» — e da admiração que por eles nutria.

E confessou-me, também, com a sinceridade que o caracterizava e com profundo pesar, que não podia concluir o seu esgotante trabalho — que seria o segundo volume da *Peregrinação*.

E não pôde, realmente!

Foi pena, muita pena, por tudo!...

J. GUALBERTO DE FREITAS.

... No céu vimaranense, mais uma Águia — Grande Águia do Pensamento e do Espírito! — para sempre a Morte vencera, para sempre a Morte abatera!...

ALBERTO DE MACEDO.

Morreu o Dr. Eduardo de Almeida

A morte ceifa implacavelmente, os Grandes Homens de Guimarães, abrindo lacunas que dificilmente se poderão preencher.

Hoje, foi o Dr. Eduardo de Almeida, o maior dos prosadores vimaranenses.

Estão, assim, de luto as letras pátrias e envoltas em pesados e dolorosos crepes as letras vimaranenses.

O Dr. Eduardo Manuel de Almeida Júnior foi o vimaranense mais notável da sua geração e à sua cultura e saber, a cidade deve serviços preciosos, que só a sua inconfundível estatura mental poderia prestar.

Democrata e republicano pela inteligência e pelo coração, em todos os lugares que serviu e tão elevados foram, sempre a firmeza dos seus ideais e a bondade nativa dos seus sentimentos se impuseram, como ditames duma alma, gêmea de santos, em que a beleza das suas atitudes se irmanava com a grandeza do seu pensamento.

Finou-se como um justo, suavemente, serenamente, naquela paz de consciência digna e exemplarmente virtuosa do seu bondoso coração.

As suas últimas disposições sobre o seu funeral, mostram a dominante preocupação de não fazer espectáculo, de não demonstrar grandezas, ao desejar o seu enterro simples, sem convites, sem acompanhamento e que o seu caixão humilde, fosse sepultado em campa rasa.

Na morte como na vida, a mes-

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 8, a sr.ª D. Lucília dos Anjos Fonseca Araújo Escobar, esposa do nosso bom amigo sr. Luis Escobar Araújo (ausentes em Angola); no dia 14, a sr.ª D. Maria de Lourdes Ferreira da Costa, esposa do nosso prezado amigo sr. Inácio Ferreira da Costa; mademoiselle Camila Augusta Borges da Cunha, gentil filha do nosso bom amigo sr. João Salgado da Cunha, do Pevidém; e os nossos bons amigos srs. António de Sousa Almeida e José Joaquim da Silva Guimarães; no dia 15, a sr.ª D. Maria Beatriz Teixeira Carneiro de Oliveira, esposa do nosso prezado amigo sr. Belmiro Mendes de Oliveira e os nossos bons amigos srs. Benjamim de Almeida Ferreira, Mário Simões de Sousa Menezes e Joaquim Pereira Soares e as sr.ªs D. Margarida Beatriz Teixeira da Cunha e D. Maria Teresa Arantes Gonçalves; no dia 16, a sr.ª D. Maria Odete de Almeida Ribeiro Correia e o menino Mário Acácio Guise Pinheiro, filho da sr.ª D. Isabel Guise Pinheiro Figueiredo e do nosso bom amigo sr. Fernando Figueiredo; no dia 17, os nossos preizados amigos srs. dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha e tenente Ernesto Moreira dos Santos e o nosso simpático amigo Armindo, filho do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado; no dia 18, os nossos muito preizados amigos srs. Francisco Machado e Adriano de Castro, do Pevidém, e a menina Maria de Oliveira, neto do nosso amigo sr. Alfredo da Costa e Silva; no dia 19, as sr.ªs D. Custódia de Sousa Guise Campos, esposa do nosso bom amigo sr. tenente Alvaro Martins de Campos, e D. Maria dos Anjos de Freitas Teixeira Carneiro, esposa do nosso bom amigo sr. Bráulio Teixeira Carneiro, e mademoiselle Clotilde Cardoso do Vale; no dia 20, os nossos preizados amigos srs. António Cardoso Rodrigues, do Pevidém, e António Martins Ribeiro, de Balazar.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Movimento Familiar

Esteve nesta cidade, há dias, o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. A. L. de Carvalho.

Têm estado nesta cidade os nossos preizados amigos srs. João Isidoro Bouça, de Lisboa e António Luis Teixeira, de Beja.

Estiveram nesta cidade os nossos preizados amigos srs. Major Miguel Ferreira, de Fafe; Coronel António de Quadros Flores, de Juazeiros; dr. Francisco Moreira Sampaio, de Pombeiro; Prof. Eurico Tomaz de Lima, do Porto; Domingos Soares (Mingos), de S. Mamede de Infesta.

Também tem estado entre nós o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. António José Ferreira, residente em Faro.

Partiu com sua família para o Funchal, onde fica a residir por ter ali sido colocado na Alfândega, o nosso prezado amigo e estimado conterrâneo sr. dr. Nuno José de Freitas.

Com sua família partiu para Felgueiras, onde fixou residência, o nosso prezado amigo sr. Júlio Augusto de Magalhães Vasconcelos.

Com sua família partiu para Aveiro o Meretíssimo Juz de Direito sr. dr. Francisco Mendes Barata dos Santos.

ma elevação, a mesma nobreza e a mesma expressão das suas admiráveis virtudes.

Como homem público, como advogado, como escritor e jornalista, o Dr. Eduardo de Almeida, foi sempre inconfundivelmente o mesmo Homem; grande, humano, um verdadeiro Homem de Bem.

São Homens assim, quais insubstituíveis padrões vivos dum ideal, pleno de humanidade, que a morte vai devastando, deixando após o seu desaparecimento, um vácuo inóspito, como a aridez dum deserto vasto de oásis, aonde a sede de justiça, de moral e dignidade, procurasse a fonte pura para se dessedentarem.

Eduardo de Almeida desapareceu do seio dos vimaranenses, mas viverá sempre na História desta Cidade, nessa História que, com a sua probidade e com o alto valor da sua inteligência, escreveu páginas admiráveis através dos estudos laboriosos e fecundos a que se dedicava, impulsionado pelo seu grande amor à terra que lhe serviu de berço.

A.

— Partiu para os Açores o nosso bom amigo sr. Hercúlo José Fernandes.

— Partiu também para os Açores o nosso prezado amigo sr. Benjamim Pereira dos Santos.

Para Lourenço Marques

Vindo de Goa chegou já a Lourenço Marques, onde fixou residência, o nosso ilustre conterrâneo e distinto Magistrado sr. Desembargador dr. João Faria Martins.

Tenente-Coronel António José L. de Castro

Do Porto partiu para Elvas, por ter sido colocado no Regimento de Lanceiros 1, o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Tenente-Coronel António José Leite de Castro.

Falec. e Sufrágios

D. Emilia Fernandes de Oliveira Campelos

Vizela, 5 — Na sua residência à rua da Rainha, faleceu repentinamente, confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja, esta bondosa Senhora que contava 79 anos.

A saudosa extinta era viúva do sr. Bráulio Campelos, Mãe das Senhoras D. Maria, D. Emilia Fernandes de Oliveira e D. Maria Alice Fernandes de Oliveira Campelos, Sogra do sr. Henrique Ferreira de Sousa, industrial, e tia do correspondente do «Notícias de Guimarães», naquela Vila.

O seu funeral, que foi muito concorrido e constituiu uma profunda manifestação de pesar, realizou-se na segunda-feira para o cemitério paroquial de S. João das Caldas, sendo a urna conduzida num armão pelos Bombeiros V. de Vizela.

A toda a família enlutada, os nossos cumprimentos de profundo pesar.

D. Hedwiges Guimarães Azevedo

No Porto, faleceu no dia 6, a sr.ª D. Edwiges Guimarães da Costa Azevedo, amantíssima esposa do sr. Manuel da Costa Azevedo, importante e considerado industrial na praça do Porto. Era irmã do sr. Heliodoro de Freitas Guimarães, antigo chefe (aposentado) da estação do caminho de ferro desta cidade e tia dos srs. José Hermenegildo e Olimpio de Freitas Guimarães. O funeral realizou-se pelas 10 horas do dia 8, saindo o préstito fúnebre da Igreja da Trindade para o cemitério da Trofa, ficando depositada em jazigo de Família.

Joaquim José Ribeiro (Bravo)

Faleceu, contando 75 anos de idade, o sr. Joaquim José Ribeiro, casado com a sr.ª D. Ermelinda Pereira Magalhães, pai das sr.ªs D. Emilia, D. Aurora e D. Maria da Luz Magalhães Ribeiro e dos srs. António Magalhães Ribeiro, Armando Magalhães Ribeiro e Carlos Magalhães Ribeiro (Bravo), tendo-se efectuado anteontem o seu funeral, com numeroso acompanhamento, da igreja da Oliveira para o cemitério Municipal. Os nossos pêsames à família dorida.

José Machado da Silva

Em Santa Maria de Oliveira (Ribadave), finou-se este conceituado industrial, que era casado com a sr.ª D. Teresa Correia Diniz e pai das esposas dos srs. Alvaro de Almeida, conceituado industrial em Moreira de Cónegos, e Armando da Costa Abreu, aos quais apresentamos, bem como à demais família, as nossas sentidas condolências.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se no dia 8, à tarde, naquela freguesia.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia da Praça, à Rua de Paio Galvão, Telef. 40407.

Paróco de Moreira de Cónegos

O Rev. P.º Ezequiel de Freitas, Paróco de Moreira de Cónegos, teve a amabilidade de agradecer-nos as referências que neste jornal foram feitas no seu último número e a propósito da celebração de suas Bodas de Prata Sacerdotais.

Registamos com muito reconhecimento.

UMA FESTA INTERESSANTE

Os proprietários da Confeitaria Colonial, desta cidade, num gesto de acção de graças, pela colaboração que os seus clientes lhe têm prestado, resolveu, em dia de Reis, proporcionar às educandas do Asilo de S.ª Estefânia uma hora de alegria. Assim naquele dia, das 16 às 17 horas, a Casa esteve à disposição daquelas meninas, oferecendo-lhes doces e permitindo assim que confraternisassem.

A.

BOAS - FESTAS

Recebemos mais cumprimentos das seguintes individualidades, que nos desejaram prosperidades no Novo Ano, o que gostosamente retribuimos, com os melhores agradecimentos.

Deputado Eng.º Duarte Amaral, Alberto Cardoso, de Almada; P.º Manuel Ferreira Coelho, de Raimonda; T.º Coronel António José Leite de Castro, do Porto; Dr. Alvaro Cordeiro Torres, de Goa (Índia Portuguesa); Luís Escobar Araújo e esposa D. Lucília dos Anjos Escobar Fonseca Araújo, de Luanda; Joaquim Novais Teixeira, de Paris; Dr. Nuno José de Freitas, do Funchal; Benjamim Pereira dos Santos, António Martins Soares e esposa, de S. Paulo; etc.

Falta de espaço

Já depois de composto, ficou de fora bastante original, entre o qual a subscrição do «Natal dos Pobres do Notícias», a que daremos publicidade no próximo número.

Inauguração de um melhoramento no Pevidém

No passado dia 6 foi solenemente inaugurada, em Pevidém, a nova iluminação pública do Jardim do Adro da Igreja de S. Jorge de Selho, tendo sido prestada uma carinhosa recepção, por parte da Junta de Paróquia, Pároco e do povo daquele importante centro fabril, ao Sr. Presidente da Câmara Municipal que, acompanhado por alguns Vereadores, ali se deslocou propositadamente para aquele fim.

Entre as pessoas presentes à grandiosa recepção, viam-se muitas figuras de destaque, ouvindo-se à chegada do Presidente do Município, muitas palmas e foguetes e acordes musicais.

Os cumprimentos foram apresentados pelo Presidente da Junta de Freguesia, sr. José Rodrigues Guimarães, importante industrial do Pevidém, tendo-lhe respondido num breve mas expressivo agradecimento o sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira. S. Ex.ª afirmou que justiça estava a ser feita pelo Município da sua presidência a tão importante e progressivo centro industrial do nosso Concelho.

As palavras do Sr. Presidente do Município foram motivo de uma calorosa ovação.

Clube de Caçadores de Guimarães

Aviso Convocatório

Convidam-se os sócios deste Clube a reunir em Assembleia Geral Ordinária no próximo dia 15, pelas 20,30 h. na sede à Rua de St.º António n.º 68, a fim de discutir e deliberar sobre o seguinte:

a) Leitura da acta da última Assembleia e sua aprovação;

b) Apresentação do Relatório, Contas e Parecer do Concelho Fiscal, sua discussão e aprovação;

c) Eleição dos Corpos Directivos para o corrente ano, (art.º 23.º dos Estatutos).

Não comparecendo número suficiente de sócios, a mesma Assembleia funcionará uma hora depois, com qualquer número de associados, (art.º 28.º dos Estatutos).

Guimarães, 6 de Janeiro de 1958.

O Presidente da Assembleia Geral,

Alberto Costa. (16)

Teatro Jordão

APRESENTA

HOJE, 11 e 12 e 13, 21,30 HORAS

PAIS E FILHOS

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

TERÇA-FEIRA, 14 -- 21,30 HORAS

Doris Day — John Raitt

em

Negócio de pijamas

Warnercolor

(Espectáculo para maiores de 12 anos)

QUINTA-FEIRA, 16 -- 21,30 HORAS

James Mac Artur — Kim Hunter

em

É este o nosso filho?

Super Scope

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

SÁBADO, 18 -- 21,30 HORAS

Lex Barker — Mala Powers

em

OURO E SANGUE

Uma aventura arrojadada e turbulenta

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

E C O S D E S P O R T O

Feliz a cidade se regozijaria, se lhe dessem o inefável prazer de, ao presenciarem os trabalhos que em breve se iniciam, vê-los seguir de baixo dum ritmo acelerado e contínuo, tais como lhe foi dado ver, com satisfação e surpresa, nas construções em curso, da Escola Técnica e do Palácio da Justiça.

E' incompreensível, que uma obra de necessidade pública, demore tempos infínitos a completar, quando, tantas vezes isso tem acontecido, as necessidades no fim duma obra serem já maiores do que aquelas que foram a causa da mesma obra e, quando se refere às necessidades de habitação, a novas ruas para construção de casas, a estabelecimentos de ensino e de saúde, a saneamentos e ainda a melhoramentos e instituições que redundem em benefício do agregado cidadão, lhe possibilitem melhores condições de vida e fomentem o seu desenvolvimento industrial e comercial, a morosidade causa prejuízos, como compromete até o futuro da própria obra.

Já não se coaduna o tempo de hoje com os costumes do passado, nem os meios de trabalho actuais são os mesmos de outrora.

O aumento da população, exige constantemente novas habitações e todos os dias nascem novos estudantes, assim como se criam, novos trabalhadores que precisam de emprego.

O mundo marcha, não se detém e as dificuldades que hoje esmagam pelo seu peso, o futuro da cidade, são derivadas de não terem sido resolvidas em seu devido tempo e na hora própria.

E', essa acumulação herdada, que obriga a aceleração dos trabalhos e a decisões urgentes.

Temos conhecimento, de que se estudam grandes projectos de iniciativa particular que, realizados, muito contribuirão para um notável engrandecimento da cidade.

O que desejamos e solicitamente apelamos, é, para que se procure evitar a criação de obstáculos que geralmente entram e levam até a desgostar aqueles que se propõem levar a cabo essas intenções, que tantos benefícios podem trazer para a cidade e para os seus habitantes.

Sobretudo, impõe-se como dever, a obrigação de ninguém, para defender o seu atribulário egoísmo, impeça a realização dessas intenções que podem concorrer, para elevar o nível económico e social do meio cidadão.

E' necessário que definitivamente se evite a repetição destes revoltantes casos; — de pessoas terem de procurar noutros concheiros terrenos para construir estabelecimentos fabris, por em Guimarães, os proprietários de terras se negarem a vendê-los, de haver outras pessoas e agremiações interessadas em construir casas e bairros, e não encontrarem quem venda terrenos para esse fim!

O egoísmo desses proprietários é tão nefasto, que tem chegado para criar uma aversão socialmente perigosa, cujas consequências futuras são bem fáceis de prever...

Estas estranhas atitudes, contrastam com o que se passa em outros centros, aonde as pessoas que intentam construir prédios e fábricas, só encontram boas-vontades, compreensão e facilidades, tão gentis como cativantes.

E, no entanto, as raras e inteligentes excepções que se conhecem entre nós, têm feito fortuna e contribuído para o progresso da cidade.

A.

Abastecimento de Águas
ao Bairro Comendador
Alberto Pimenta Machado

A Câmara Municipal iniciou as obras de construção de um grande depósito de águas para abastecimento ao importante Bairro de Casas pertencente ao Senhor Comendador Alberto Pimenta Machado.

Mário Ferreira
ADVOGADO
Rua Dr. Avelino Germano 98-1.º E.
571 GUIMARÃES

Você ainda não tem Gazcidta? Parece impossível!!!
Modernize-se e faça ainda hoje a aquisição de UM APARELHO A GAZ, bastando para isso dirigir-se ao

Stand de
HORÁCIO GUIMARÃES
Lugar do Cresto — Pevidém

Aproveite a Campanha do Natal, que lhe dá desconto de 10% em uma grande variedade de artigos.

GAZCIDTA — uma chama viva onde quer que viva.

A Maratona do Futebol Nacional

Vitória, 1 — Covilhã, 0

A equipa da Vitória melhorou ainda mais a sua vantagem classificativa, jogando num terreno cujo estado é cada vez pior

Outra jornada da Maratona verdadeiramente auspiciosa para a equipa da Vitória. Como nas anteriores, também se registaram alguns resultados surpreendentes, dignos de referência, especialmente o triunfo do Gil Vicente em Vila Real e a estrondosa derrota do Boavista em frente ao Tirsense. Mas registemos os resultados gerais da jornada:

Vitória, 1-Covilhã, 0; Vila Real, 0-Gil Vicente, 1; Leixões, 2-Sanjoanense, 1; Vianense, 1-Marinhense, 0; Tirsense, 4-Boavista, 1; Peniche, 8-Chaves, 1, e Leões, 0-Espinho, 0.

Depois desta jornada já se percorreram dois terços da prova. Faltam somente oito jornadas para acabar a fase preliminar. E' de anotar, portanto, a classificação das quatorze equipas neste momento:

Vitória, 30 pontos (55-18); Boavista, 24 p. (41-26); Covilhã, 24 p. (44-18); Espinho, 21 p. (36-30); Gil Vicente, 19 p. (25-37); Leixões, 18 p. (37-31); Marinhense, 17 p. (25-31); Sanjoanense, 16 p. (35-35); Peniche, 15 p. (27-36); Vianense, 14 p. (22-29); Vila Real, 14 p. (19-28); Tirsense, 14 p. (25-40); Chaves, 14 p. (25-42), e Leões, 12 p. (14-28).

Assim temos o Vitória amplamente destacado, em 1.º lugar, com a vantagem de 6 pontos sobre os segundos (Boavista e Covilhã) e de 9 sobre o quarto, que é o Espinho. A última vez que aqui anotamos a classificação dos clubes na prova, no final da 1.ª volta, o Vitória igualava-se ao Covilhã em pontos, tinha mais três que o Boavista e levava sobre o quarto, também nessa altura o Espinho, cinco pontos a melhor. Temos que concluir que a melhoria da equipa vimaranense foi evidente, correspondendo totalmente às intenções dos Dirigentes e Técnico do Clube, como ainda aos anseios dos seus adeptos.

Os três primeiros, numa análise rápida sobre a classificação, são, como já o eram no início da Prova, o Vitória, o Covilhã e o Boavista. Os três favoritos iniciais da competição confirmaram ao longo dela a razão de quem os elegeram. Das equipas que se mostravam capazes de dificultar a candidatura das três indicadas, somente uma ainda luta heróicamente pela sua continuidade na Prova. O Espinho, dado já diversas vezes como capaz de entrar na fase final, ainda não caiu definitivamente fora dessa hipótese. E' difícil o seu caminho, mas até à conclusão desta fase, ainda não se pode dizer que o Espinho não irá àquela que apura definitivamente os clubes a entrar na Divisão Superior.

A tabela ainda nos dá como equipas tranquilas, com a certeza de permanecerem na Prova na época que vem, o Gil Vicente, o Leixões, o Marinhense e o Sanjoanense. Destas, é de destacar, pelo mérito que têm demonstrado ultimamente, o Gil Vicente e o Leixões, e é de referir também, pela queda que vem evidenciando, o Marinhense.

As restantes, em número de seis, estão na chamada zona do perigo. Em melhor situação o Peniche, em pior os Leões. Serão talvez estas equipas em situação desesperada, que ditarão a classificação definitiva desta fase da Prova.

O jogo importante de domingo passado, entre o Vitória e o Covilhã, foi, na realidade, um encontro ao nível do torneio. Luta sem tréguas, desejo manifesto de triunfo de parte a parte, nivelamento de ambições, decididas por um golo de vantagem para o Vitória.

Poderá parecer, a quem não viu o encontro, que o Covilhã desenvolveu o seu jogo de modo a não merecer perder. Os nossos primeiros conceitos sobre o encontro em referência podem na realidade induzir a isso. Mas realmente tal ideia não corresponde à verdade. O equilíbrio aparente da partida só existiu porque o poder físico da equipa serrana colmatou a sua inferioridade em relação à maior valia técnica da equipa vimaranense. Quem esteve suficientemente atento ao desenrolar do jogo verificou que os ataques do Vitória foram sempre guiados por uma orientação bem mais certa que a dos seus adversários. E isto prova-se pelas ocasiões de golo criadas de parte a parte, que levaram à evidência de Rita em relação a Sebastião. Concluimos, portanto, que o aparente equilíbrio de forças resultou somente do estado do terreno ser favorável à equipa visitante. E sobre isso temos que dizer

palavras que, por temperamento, não somos de calar...

O campo da Amorosa, própria-mente no seu rectângulo de futebol, encontra-se em estado lastimoso, incapaz de possibilitar à nossa equipa, constituída por jogadores jovens, habilidosos e coordenados com esquemas técnicos verdadeiramente definidos, o campo de manobra ideal para se poderem exibir. Estamos deste modo a dar trunfos aos adversários que nos visitam, rudimentares em técnica em relação a nós, que se deslocam ao nosso terreno com a intenção de defenderem e perderem por poucos, criando assim problemas para a nossa equipa, que num dia de menor sorte, pode sofrer um desaire de influência decisiva para a sua classificação final.

Apelamos daqui para os responsáveis — que são todos os Directores do Vitória. E' preciso ver que nada se tem feito em tentativa de melhoria do terreno da Amorosa. Os contos de reis que lá se gastaram no defeso tiveram como fim drenar as águas das chuvas e nunca se dispenderam com a intenção de nivelar o rectângulo. Esta era uma obra que vinha depois, em cuidados permanentes, substituindo aos poucos o saibro deteriorado por outro novo com goma suficiente para se criar a camada rija que evita a lama. Isto não se fez, porque não choveu durante muito tempo, e não se teve a noção do estado exacto do terreno. Janeiro, Fevereiro, Março e Abril podem ser meses chuvosos, portanto, é bom que se aproveite bem o tempo, arranjando o piso, pois, o que se dispender com essa obra, pode ter mais valia do que o dinheiro gasto com a carta de desobriga dum jogador...

Desculpem-nos os leitores este arrazoado, mas entendiamo-lo como oportuno. Sobre o jogo, somente é mais de acrescentar, referências individuais para a totalidade da defesa, principalmente para Daniel e Virgílio e ainda para Romeu, que lesionado, demonstrou verdadeiro espírito de sacrifício, merecedor de público elogio.

Ficha do jogo — Vitória: Sebastião, Daniel e Abel; Virgílio, Silveira e João da Costa; Bartolo, Romeu, Ernesto, Barros e Rola. Covilhã: Rita, Heider e Couceiro; Lourenço, Cavem e Cabrita; Martin, Martinho, Tonho, Gabriel e Amilear. Arbitragem de Alvaro Rodrigues, de Coimbra.

O golo do Vitória, único do encontro, foi da autoria de Bartolo.

A jornada de hoje engloba os seguintes encontros: Marinhense-Vitória; Espinho-Vila Real; Gil Vicente-Leixões; Covilhã-Tirsense; Sanjoanense-Vianense; Boavista-Peniche, e Chaves-Leões.

O jogo que o Vitória tem de realizar, na Marinha Grande, não é nada fácil. O nosso adversário é daqueles que mais se tem evidenciado na Prova e, por isso, perdidas as possibilidades de se classificar para a fase final, vai tentar obter um resultado que o destaque, isto é, um triunfo sobre o leader, que já não perde jogos sem conta. Porém, confiamos na capacidade da equipa do Vitória e no pundonor dos seus componentes.

L. R.

CAMPEONATO DE JUNIORES

A última jornada do torneio ficou incompleta. Nos jogos realizados os resultados foram os seguintes: Vianense, 2-Vizela, 2; Braga, 3-Famalicão, 1, e Sport. Fafe, 4-F. C. Fafe, 1.

O encontro entre o Vitória e o D. F. Holanda foi adiado a pedido do Clube da Amorosa, em virtude do tempo chuvoso, o que tornava impraticável aquele recinto de jogo. De louvar a atitude do D. F. Holanda, que compreendendo bem os interesses gerais do Desporto vimaranense, não criou qualquer dificuldade, dando o seu acordo ao referido adiamento, cujo o interesse pelo mesmo era só do Vitória.

Com os resultados desta jornada as esperanças duma classificação que o encaminhasse para o Nacional. Ficam agora o Vitória, o D. F. Holanda e o Braga, no caminho do título e da referida classificação. Porém consta-nos que devido às inúmeras dificuldades económicas existentes na Federação,

provenientes da última gerência, este Organismo pretende o acordo das Associações Regionais, para que o Campeonato da época decorrente seja somente disputado pelos campeões dos diversos distritos.

A jornada de hoje engloba os encontros seguintes: Vizela-Vitória; D. F. Holanda-Famalicão; Sport. Braga-Sport. Fafe, e F. C. Fafe-Vianense. Jogos marcados para as 10 horas da manhã, nos campos das equipas indicadas em primeiro lugar.

Conversando com Ele...

Nova conversa com Fernando Vaz, onde o abalizado técnico do Vitória nos expõe diversas ideias referentes ao jogo do último domingo, principalmente ligadas com o deplorável estado do terreno do Campo da Amorosa e a necessidade urgente que há de construir o Estádio Municipal.

—? — Se há resultados que pecam por excesso ou exagero de números, outros há que, embora pecando por modéstia, fornecem-nos uma representação mais ou menos exacta e fiel daquilo que se passou no Campo da luta.

E' o caso deste encontro Vitória-Covilhã, cujo desfecho tangencial traduz, sem atropelos da verdade, a marcha do jogo e o equilíbrio de valores em presença.

Isto sem entrarmos em pormenores técnicos ou no cortejo dos factores imponderáveis que possam ter influído no rendimento dos jogadores e concomitantemente de ambas as equipas.

De parte a parte houve, porventura, factores decisivos e influentes na marcha do jogo, mas, ao fim e ao cabo, a diferença mínima (1-0) registada no marcador, constitui o desfecho lógico, certo e justo da partida.

O Sporting da Covilhã revelou a sua força e capacidade, fazendo alarde de consciencia, saber e personalidade.

Foi esta, sem dúvida, a melhor e mais bem apetrechada equipa que, até agora, se exibiu no Campo da Amorosa.

—? — Temos de reconhecer, porém, que a nossa equipa não produziu o seu melhor.

O estado do terreno não era favorável ao nosso quinto avançado, de compleição física mediana, onde apenas Ernesto possuía força muscular e «máquina» para vencer as péssimas condições do piso do nosso rectângulo de jogo.

Aduza-se ainda a incapacidade de Romeu, cuja acção na equipa é fundamental, e o lesionamento de Barros, e teremos achado o mínimo de circunstâncias atenuantes para justificar o menor rendimento do nosso conjunto.

E' realmente de lamentar o estado impróprio e impraticável do piso do nosso campo, cujos desníveis e irregularidades, acrescidos à lama que nele se forma, constituem perigosos «handicap», oferecidos às equipas que nos visitam.

Porque a nossa equipa é formada na sua maioria por rapazes habilidosos mas de pouco peso, o problema carece de rápida solução.

Urge resolvê-lo, sem delongas, antes que seja tarde.

Sabemos que vão ser tomadas as providências necessárias nesse sentido, dado que ainda teremos à nossa frente três meses de chuvas frequentes, e aqui registamos o nosso regozijo.

—? — Como técnico de futebol, que pena nos faz saber ali mesmo ao lado um futuro Estádio (com relva e tudo) infelizmente ainda no estado embrionário e quase virgem dos sonhos que se têm de viver a longo prazo!

A equipa que o Vitória vai forjando e caldeando nestas andanças da II Divisão, já vai merecendo e fazendo jus a tão vasto quanto inadiável empreendimento.

A cidade, essa, que não é uma cidade qualquer, é bem digna dum Parque de Jogos à altura do seu prestígio e das suas tradições.

No seu estado actual, o Campo da Amorosa oferece-nos nítido e chocante contraste com a profusão de Estádios que se encontram disseminados por

quase todas as cidades e até vilas do nosso país. Como vimaranense que já somos pelo coração, semelhante contraste faz-nos desejar, ardentemente, que o futuro Estádio Municipal de Guimarães seja o mais breve possível a realidade que todos ambicionamos ver materializada, porque — «noblesse oblige»!

HOMENAGEM EM VIZELA

Está a ser distribuída aos Vizelenses e aos admiradores do saudoso Dr. Alfredo Pinto a seguinte circular:

— Vizelenses: — Está ainda viva na memória dos Bons Vizelenses a triste notícia do passamento do saudoso Dr. Alfredo Pinto.

E' costume tradicional da nossa terra, terra de encantos e de alma sempre viva, reconhecer-se a grandeza moral e intelectual daqueles que contribuem para o seu progresso e grandeza.

Pois bem: — O Dr. Alfredo Pinto foi esse alguém como Homem Bom, como Homem de Ciência, como Homem de Carácter impetuoso que adentro da sua modestia soube amar e engrandecer a nossa querida Vizela.

Não podemos ser ingratos... Assim, a Comissão abaixo assinada, empossada pelo dever de gratidão e Justiça, timbre dos Bons Vizelenses, resolveu promover a sua memória uma homenagem condigna, perpetuando o seu nome aos vindouros com uma lápide e um busto em mármore ou bronze, o primeiro na casa onde exalou o último suspiro e o segundo em local a designar.

Para a realização de tal apela a Comissão, confiada na benevolência de todos os Bons Vizelenses, contando que à sua quota parte de esforços e sacrifícios juntem os seus de apoio moral e material para que a nossa dívida de saudosa gratidão fique saldada.

Posto isto e esperanças no bom acolhimento de todos os Vizelenses antecipadamente agradece.

Vizela, 26 de Novembro de 1957
A Comissão,

aa) João Luís de Almeida, João David Pedrosa, José Machado Oliveira Carvalho, Américo da Costa Campelos, Francisco Armino Pereira da Costa.

Noticias de Guimarães n.º 1359-12-1-1958

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

Única publicação

Faz-se sabe rque na acção com processo especial de curadoria dos bens dos ausentes em parte incerta D. Clementina Gonçalves da Silva e marido Agostinho Gonçalves Mendes, proprietários, moradores à data em que se ausentaram, na Rua 5 de Outubro, freguesia de Oliveira, desta cidade, foi proferida sentença em 2 de Dezembro do corrente ano, que transitou em julgado, instituindo aquela curadoria e deferindo-a a D. Januária Augusta Barbosa Pontes, solteira, proprietária, e D. Maria de Oliveira Barbosa Pontes e marido Américo da Costa Barbosa Ramos, ele funcionário público e ela proprietária, residentes nesta cidade, como únicos herdeiros conhecidos daqueles requeridos.

Guimarães, 13 de Dezembro de 1957.

O chefe da 2.ª secção,
Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei a exactidão:
O Juiz de Direito do 1.º Juízo,
Carlos Maria Afonso de Castro. 15

A' Indústria Têxtil
VENDEM-SE:
1 Encarrateadeira de 60 fusos, último modelo; 1 Hidro extrator para 5 maços; 1 Gomadeira de meadas; 1 Escovadeira dupla com respectivos motores.

Nesta redacção se informa.

Ofertas e Procuraas

Passa-se em Vizela
Pensão Bom Retiro, com todo o recheio. Falar com Faustino de Castro, residente em Vizela. 576

CASA Aluga-se com 7 divisões, luz eléctrica e água, no lugar de Oleiros — Ronfe. Tratar com Augusto Ribeiro de Abreu — Ponte de Serves.

ALUGA-SE:

Optimo primeiro andar, com uma sala na frente e um quarto anexo, com serventia de lavabos, próprio para escritório ou consultório médico, em frente à Alameda dr. Oliveira Salazar.
Falar com Joaquim da Silva — Rua de S. Dâmaso, 135. 6

Vende-se Fourgonete e automóvel de aluguer. Falar na Rua D. João I, 155 — Guimarães. 7

Oleo de Peixe: Sardinha e similares. VENDE aos melhores preços — Joaquim José de Araújo — Av. C. Ferreira de Matos, 80 — MATOSINHOS. 242

Senhora Oferece-se para serviços domésticos, excepto cosinha ou dama de companhia. Informa-se na redacção.

Compra-se Pequena indústria de tecelagem ou alvará. Resposta: Agência Pátria — Rua das Gaveas, 59-2.º Esq., Lisboa, ao n.º 1098-A. 17

Vende-se Uma Balança usada, preço em conta e um moinho para café, com motor acupulado. Falar: Rua da Rainha, n.º 95. Telef. 10166. 20

Casa devoluta Vende-se no centro da cidade, com 10 divisões e boa loja para armazém. Informações na Sapataria Vimaranense. 21

Explicações De Matemática, dá licenciado em matemáticas, com longa prática, a todos os ciclos do Liceu e aptidão às Universidades. De Inglês e Alemão, dá licenciada em Germanicas. Informa-se na Rua de S. Damáso, 51. 24

CASA Aluga-se, em Vizela. Moderna, com todas as comodidades. Informa nesta Redacção. 28

Prédios de Rendimento

Vendem-se
Frédio concluído e habitado, novo, moderno de óptima construção e outros em vias de conclusão dotados de todas as condições higiénicas, situados na rua de acesso à estação central de camionagem para 6 inquilinos com estabelecimentos e caves — com rendimento anual de cerca de 80 contos e isento de contribuição.
Vende Mário Parente Viana, ver e tratar o próprio no local. 23

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários
WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª
R. Cândido dos Reis, 74-2.º
TELEF. [Est. 17] [Comp. 21 404] PORTO

As mais lindas Rosas de Portugal
As mais famosas árvores de frutos



Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques
Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis
Moreira da Silva & F.ª, L.ª
Rua D. Manuel II, 56 — PORTO